

WLADIMIR OLIVIER



MATEI-ME
HÁ VINTE E CINCO
ANOS

Equipe: *AZALEIAS MULTICOLORIDAS*

Autor Espiritual: PAULO DE AZEREDO

301. 4. As contradições, ainda que aparentes, podem lançar dúvidas no pensamento de certas pessoas; como manter isso sob controle para se conhecer a verdade?

“Para discernir o erro da verdade, é preciso aprofundar essas respostas e meditar sobre elas seriamente, por bastante tempo; trata-se de um estudo completo por fazer. É preciso de tempo para isso, como para estudar todas as coisas.

“Estudem, comparem, aprofundem-se; nós lhes repetimos sem cessar que o conhecimento da verdade se dá a esse preço. E como desejam vocês chegar à verdade, quando interpretam tudo de acordo com suas ideias estreitas, que tomam por grandes ideias? Mas não está longe o dia em que o ensinamento dos Espíritos por toda a parte será uniforme nos detalhes como nas coisas principais. A missão deles é a de destruir o erro, mas isso não tem como advir senão progressivamente.”

[Kardec, Allan — **O Livro dos Médiuns**. Trad. de Wladimir Olivier (Inédita).]

ÍNDICE

Pé de chumbo	
1. Mercedes	
2. Meus irmãos	
3. Com humildade	
4. Sem devaneios	
5. Meus avós	
6. Considerações gerais	
7. A arma com que me matei	
8. O encontro com meus filhos	
9. Questões filosóficas	
10. Vontade de voar	
11. O mensageiro desconfia	
12. Revolta inútil	
13. Encalacrado	
14. Página diferente	
15. A crônica das perversidades	
16. Das revelações	
17. Irreverência	
18. Renegado	
19. Perigo iminente	
20. A morte de mamãe	
21. Visita esperada	
22. Carisma insuspeito	
23. Reequilíbrio	
24. A desgraça nunca vem sozinha	
25. Tento compreender este trabalho	
26. Muito obrigado	
Mensagem complementar	

PÉ DE CHUMBO

Capengava pelo etéreo, quando fui chamado para expor os meus dramas de encarnado. Rude produto das selvas de pedra, desvinculei-me da vida, dando um tiro no ouvido. Solução inócua para os problemas, porque acresceu de muito a dívida quase insolvável que portava de outras existências na carne e fora dela.

Não sei se terei forças para colocar aos olhos dos mortais todas as peripécias em que me enganei, quanto à vigência das leis morais no plano da Espiritualidade. Contudo, basta que o médium esteja disposto e meus companheiros decididos a me acompanhar, que terei até prazer no relato.

Coloco-me ao dispor dos mestres da *Escolinha de Evangelização*, sem estar regularmente matriculado. É principalmente por isso que devo retratar-me mau redator, porque sei que o pessoal aqui aprende os rigores da melhor escrita, no que me esmerei, até certo ponto, durante a derradeira romagem pela crosta. Entretanto, caso o mediador não interfira, dificilmente vou conseguir expressar os pensamentos eivados de sentimentos.

Não sei se me fiz entender. Explico.

Não é difícil de transmitir os influxos dos raciocínios. A dificuldade se apresenta na escolha dos termos que se devem impregnar das emoções do tempo em que folheei as páginas do passado infeliz. Não pretendo poetizar os fatos, verdadeiramente, senão me deixaria embalar pelas sensações puras e simples. Como assumi o compromisso de desvendar o passado, é preciso que reflita sobre ele e não simplesmente que o sofra, vivenciando. A depuração que exercerei sobre a realidade é que não pode vir isenta das sutis reações que até agora me desperta.

Como é que alguém, com tamanha dificuldade de expressão, vem propor-se a escrever para o lucro espiritual dos encarnados? Esse é mistério que não resolvi inteiramente, desconfiando que o faça, apenas, como amostragem ou exemplificação.

Se estou apto a compreender que errei? Certamente, conquanto não tenha alcançado justificar plenamente o resultado das ações como consequentes das necessidades cármicas. Entendo, à perfeição, no que concerne ao alcance intelectual dos que labutam neste nível de adiantamento, o que seja a lei de causa e efeito. Daí a compreender o exercício dela junto ao meu *ego* e às personalidades dos seres que me rodearam, vai passo gigantesco, já que as variáveis se contam às centenas, na interferência do conjunto dos elementos que se agruparam para o aprendizado, sempre em função do progresso a que todos almejam.

Chamei este preâmbulo de *Pé de Chumbo*, porque considero a expressão muito ilustrativa da maneira pela qual me desloco atualmente pelo espaço fluídico. Espero que os tópicos seguintes elucidem o ponto, tornando o leitor mais sábio no tomar de decisões para a sua sorte no além-túmulo.

Fiquem com Deus!

Ficha técnica:

Mestre: Professor Jeremias.

Grupo: Azaleias Multicoloridas.

Informante: Paulo de Azeredo.

1

MERCEDES

Não posso, ao iniciar a descrição dos fatos que me trouxeram a este estado lastimável, deixar de referir-me a ser de excelssitude digna de anjo. Mercedes, minha mãe, criatura maravilhosa, a quem desgostei a vida toda e que vim a reencontrar no etéreo, luz divina a me guiar pela escuridão das Trevas.

Dizer que Mercedes é minha protetora é dizer pouco. Protetor é todo aquele que encaminha os seres à perfeição, ligando-se a ele por laços de benquerença, de carinho, de respeito pela integridade do indivíduo como filho de Deus. Minha mãe era tudo isso e muito mais. Era a guardiã de meus passos, a anfitriã de minhas festas, a sacrossanta criatura que daria de si tudo para evitar a mínima contrariedade do filho.

Eis que a desconfiança dos seres encarnados põe em dúvida a educação que me foi ministrada, atribuindo a ela poderes de superproteção. Nada disso. Minha querida progenitora (não gosto desta palavra porque não exprime com exatidão o aspecto moral e sentimental do relacionamento de seres que se amam) era intelectualmente muito bem provida de recursos, de forma que não cairia no engodo de me tornar tiranete em seus domínios, tanto que me deu três irmãos, distribuindo igualmente os superiores atributos de bondade, de versatilidade artística, de encaminhamento, segundo os pendores de cada um.

A mim coube a desgraça da inveja, do ciúme, por causa da sensação de perda, mais velho que era. Truculento desde pequeno, feria os irmãozinhos o quanto me davam oportunidade. Eram poucas mas não desperdiçava nenhuma.

Jamais, contudo, minha mãezinha me acusou de perversidade, de maldade, de egoísmo. Queria me ver orgulhoso das boas ações e me aconselhava com sabedoria, com descortino, exprimindo as censuras de molde a me espelhar a verdade, forçando para que compreendesse eu as consequências desastrosas das atitudes em prejuízo meu e dos demais.

Se Mercedes era tão lúcida e se tanto fazia para que me aprimorasse moralmente, como é que não fui capaz de aprender o mínimo necessário para superar os desvios da personalidade?

A pergunta só se compreende em contexto de total ignorância dos fatores existenciais impregnados no meu ser. Posso adiantar que, se mamãe (esta é a palavra ideal,

a mais carregada de emoções transcendentais de sublimes evocações) não houvesse cuidado de mim com tanto desvelo, se me tivesse ligado a outro ser que me punisse com rigor, que me castigasse com ódio ou raiva, que me acusasse de ser exatamente como eu era, sem explicações carinhosas, aí não teria tido o desenvolvimento que me foi possível em vida cheia de percalços no setor da moralidade.

— *E o teu pai, amigo? Não terá sido ele o carrasco que te levou pelos descaminhos dos vícios, do egoísmo, da vaidade, do orgulho, da malícia, contraponto inevitável para a pusilanimidade de tua progenitora?*

Ponho, na voz de fantasmagórico leitor, a dolorosa perquirição que me trouxe alienado da verdade por longo tempo, enquanto peregrinava, sofrendor, pelas escuras, pelas tétricas paragens umbráticas.

Pedro...

(*Paulo, Mercedes, Pedro e outros são nomes que inventei, para que ninguém ousasse perلustrar a família Azeredo, no intuito imbecil de descobrir a quem se refere o texto, pretendendo dizer de boca cheia: — Impossível ter sido o Paulinho a escrever tal impropriedade sobre os familiares, os amigos, os adversários, os colegas... Ele era tão... Acresce observar que Azeredo aí está assinalado apenas para efeito narrativo, para encorpar o sentido da realidade, para facilitar as citações às personagens.*)

Pedro não era o famigerado contraponto. Era homem ocupado, ausente, amigo dos amigos, no velho estilo dos homens práticos que buscam a realização de negócios em cada oportunidade. Preferia, assim, estimular que os filhos estivessem dormindo, quando chegasse, e tivessem saído, quando acordasse. Às vezes, marcava presença em memoráveis ocasiões de cobrança de melhores resultados escolares. Mas não dava palavra de graça: tudo cobrava com rigor draconiano. Sendo o mais velho, não me lembra tê-lo jamais visto carregando os pequerruchos, para os quais mantinha duas amas-secas.

Pedro, porém, se trasladou cedo para cá, deixando a viúva entregue aos afazeres da educação das quatro crianças. Mais tarde, peregrinando pelo etéreo, encontrei o estranho homem desesperado por arrecadar de mim o perdão das graves acusações conscienciais. Esse é episódio a ser construído, porque, apesar de obter minhas melhores palavras de ânimo e de boa vontade, me desapareceu da vista, dizendo-se infeliz, que deixara de praticar o bem, quando tivera as melhores oportunidades.

Não irei adiantar conclusões, se disser que o coitado se deu um tiro no ouvido, quando se viu falido nas negociatas da bolsa de valores?

Pois Mercedes escondeu dos filhos a tragédia doméstica. Eu mesmo só tive conhecimento do suicídio já adulto, quando, vasculhando velhos guardados da finada mãe, encontrei recortes de jornais em que se descrevia o evento. Suspeitei que Mercedes havia deixado propositadamente a lembrança dos fatos, para que os filhos tomassem conhecimento da verdade. Entretanto, quando expus a ela a antiga conjectura, fez questão de esclarecer-me que se esquecera completamente do velho baú, tantas foram as atribuições com que lhe encheu a vida a infeliz decisão do marido.

— Mãe, por que recortar as notícias?

— Paulo, meu filho, as pessoas sofrem porque não compreendem o desenrolar dos fatos em sua essência cármica. Passei por momentos de grande angústia. A morte de seu pai me surpreendeu absolutamente incapaz de levar adiante as questões comerciais que

lhe causaram a falência. Comprei todos os jornais para poder entender o que levava o homem a cometer o pior ato contra a benevolência do Senhor. Espicava-me a curiosidade o conhecer as minudências dos negócios, explorados profundamente pelos comentaristas policiais e econômicos, como se o ato desqualificado pudesse fornecer os indícios de perigoso declínio socioeconômico nacional. Você era muito pequeno para se recordar de todos os acontecimentos. No entanto, posso dizer-lhe que os seus irmãos se viram desamparados com a perda das babás e eu, completamente zozona com as contas, as dívidas e o desbaratamento de todos os bens, mediante a tomada pública levada a efeito pelo Poder Judiciário.

— Mas você nunca acusou papai...

— Nem vou fazê-lo jamais. É preciso conhecer as injunções...

Naquele tempo, estava terrivelmente imerso em mim mesmo para não fazer corresponder as observações de mamãe às próprias atitudes. E foi assim que, naquele momento, a presença dela se desvaneceu, caindo eu em profunda prostração.

Se os leitores não se tiverem agastado comigo, aguardem um dia para ler o capítulo seguinte destas memórias. Temo muitíssimo que, se permanecerem com o livro sob os olhos, poderão perturbar-se, a ponto de arremessá-lo ao lixo, sem chegar ao final. Mas também não vou prometer a salvação, porque este *prazer luxuriante* tem pouco de caritativo.

A salvação, podem estar certos, está na caridade. E eu não tenho tido contemplação alguma com os amigos que se puseram atentos, dispostos e dedicados.

Não se esqueçam, também, de que a curiosidade matou o gato...

MEUS IRMÃOS

Sabem os caros leitores que meus pais me deram três irmãos. Durante largo tempo, imaginei-os antigos inimigos meus. Somente após Mercedes-espírito me explicar quem eram, é que tive o prazer de conhecer nosso passado comum. Eram companheiros de lutas existenciais, com os quais convivi desde milênios, ora na qualidade de simples amigos, ora como filho ou pai de uns e de outros, ajudando-nos mutuamente a progredir.

As recordações, contudo, não se me fizeram claras na mente, dado que nem sempre os relacionamentos se pautaram por irrestrita compreensão das personalidades.

As pessoas, no Mundo, consanguíneas, têm o vezo de desejarem livrar-se do poderio dos mais velhos, para firmarem autonomia perante a vida, no sadio desejo de testarem a capacidade de administrar o destino. É fato notório o choque das gerações. Assim, quando a família reingressa na carne, vem sabendo que nem tudo irá transcorrer em mar de rosas.

Quem poderá dizer que não teve tropelias com um ou outro parente, especialmente na idade adolescente ou no início da maturidade? É o mais natural. Mesmo entre irmãos, há choques, porque uns querem exercer ascendência de diversas ordens sobre os demais, quer por estarem melhor dotados de inteligência, quer por favorecer a sociedade a que o sexo masculino se sobreponha ao feminino, quer por existir predileção declarada dos pais por um dos rebentos etc.

Quando mencionei que sentia inveja e ciúmes dos irmãos, dei relevância ao fato de ter sido o primeiro, de sorte que julgava perdido o carinho materno. Aqui deve entrar a explicação mais acertada quanto às tendências pessoais de dominação, de autoritarismo, de força intelectual resultante da audácia dos mais desenvolvidos cronologicamente.

Até os oito anos, vivi na expectativa de que os demais pudessem crescer sem se oporem à minha tirania. Mas Pedro morreu, deixando os mais novos com três anos, gêmeos univitelinos, carga dobrada de sedução para Mercedes.

Eu desejava muito acertar as contas com o assassino de meu pai, conforme suspeita da época. Desconfiara de que a morte não poderia ter sido natural. Mas nada transpirou, tanto que me levaram para o sítio da família, no interior do Estado, onde passei alguns meses com meus avós.

Anacleto, Fabrício e Carla ficaram com mamãe, espécie de punição para os desaforos que lhes prodigalizava. Pelo menos, foi assim que se me representou.

Conquanto os pais de mamãe se tivessem empenhado para me tornarem o exílio o mais ameno possível, foi com muita alegria que recebi os demais componentes da célula familiar.

Mercedes retornou sozinha para casa, tendo nós quatro ficado aos cuidados de vovó, mãe de mamãe, já que a outra, conforme mais tarde me foi revelado, rejeitou a todos nós, culpando a nora pela perda do filho. Mas essa é história da qual me inteirei bem depois.

Vamos adiantar a narrativa, porque o quadro moral está delineado.

Carla cresceu estudiosa e meiga. Apesar dos espinhos do relacionamento, sobrepujou galhardamente a antipatia que fazia eu questão de implantar-lhe na alma e chegou à idade adulta muito parecida com Mercedes, de quem herdou a faculdade artística, vindo a tornar-se excelente decoradora de interiores. Não se contentava com arranjar os ambientes, mas punha para trabalhar a imaginação, pintando quadros que se adequavam perfeitamente.

Antes, devo dizer que Mercedes nos reconduziu para São Paulo, onde nos instalamos em modesta vivenda, casa alugada com recursos providos de meu avô.

Perdoem-me as hesitações estruturais. As lembranças estão alvoroçando-me o ditado. Peço desculpas, mas não posso refazer os parágrafos anteriores ou vou correr o risco de não ser autêntico na expressão dos sentimentos.

Não é por falta de rascunho, o qual estou impedindo-me de transcrever pura e simplesmente. Estas emoções me perturbaram, hoje de manhã, tendo tido necessidade de ser auxiliado pelos componentes do Grupo, para poder apresentar-me perante o mediador.

As recordações dos irmãos crianças me trouxeram à mente a minha própria figura infantil. Senti-me deveras impregnado de saudade, como se aquela criaturinha fosse o verdadeiro *eu*. Todos os acréscimos posteriores me transtornam e não consigo compreender como é que perdi a inocência dos desejos concretos de figurar-me importante perante Mercedes.

Esses sentimentos não são exatamente de agora. Reproduzo as sensações da época em que me tirei a vida.

Anacleto e Fabrício nunca tiveram rusgas de monta. Ao contrário da irmã, quando se viram com força para me rejeitarem, estabeleceram um como que campo de força impenetrável para as tentativas de aproximação afetiva. Visitávamo-nos em datas importantes. Nem Mercedes nos permitiria faltar às reuniões. Mas as conversas eram protocolares. Falavam dos negócios. Das compras e das vendas no comércio. Mostravam que destinavam boa soma em dinheiro para Mercedes. Censuravam discretamente os procedimentos de Carla, cujo atrevimento temático da pintura incluía os genitais nus masculinos e femininos. E me apedrejavam subliminarmente, por jamais ter conseguido sair do ramerrão do funcionalismo público, cargo de pequena expressão conseguido com a ajuda de velho conhecido, pistolão que mamãe acionou quando meus fracassos no fórum se evidenciaram, advogado fanfarrão em que me convertera, pela pretensão de defender réus confessos de crimes hediondos.

Quero referir-me ao fato de haver lido a literatura que tem sucesso nos dias de hoje. Nada do que se escreve traz a marca da clareza, da elegância, da distinção temática, da nobreza dos procedimentos. Até mesmo obras espíritas de extremado mau gosto têm sido divulgadas. Introjetei, por conseguinte, essa maneira avessa ao clássico e me predispus a não me importar, caso venha a ser acoimado de hermético.

Tenho para comigo que as reticências possam conter sugestões valiosas, de forma que o não dito passa a ter mais importância do que as longas narrativas. Trouxe-me ao comentário o advérbio *subliminarmente*, que Kardec não aprovaria, em se tratando de obras de cunho doutrinário.

Como no texto anterior, vou abandonar o posto com a impressão de que foi erro crasso me terem convocado para este trabalho, porque estou projetando no leitor a cisma de que os escritos, invariavelmente, precisarão conter as mesmas considerações finais.

3

COM HUMILDADE

Deixei-me envolver pelo sucesso dos dois primeiros dias de ditado. No terceiro, cheio de empáfia, vim falar de meus irmãos, crente de que o faria com o máximo de desenvoltura, tanto que o texto estava pronto, avaliado e aprovado pelos companheiros e pelo Mestre Jeremias. Mas foi o que se viu.

O fracasso parcial da transmissão e o produto inferior resultante deram-me que pensar, que muito meditar sobre as infelicidades maiores: as do egoísmo, do orgulho, da presunção, da vaidade, da malícia.

Lembrando-me das lições de Jesus, evidenciei aquela que se refere ao preceito de não exercer julgamentos, porque, com a mesma medida, serei julgado. E me pus em considerações a respeito dos maus atributos de Anacleto e de Fabrício, deixando nas entrelinhas que Carla também não era grande coisa...

Pelo amor de Deus, não me venham dizer que esta obra está sendo construída sobre o cadáver moral das pessoas. Simplesmente, eu gostaria de despertar todos vocês para as impropriedades dos raciocínios produtores dos males a serem resgatados, para que se aperfeiçoem, na intenção implantada nos seres de progredirem, marchando na companhia dos melhores para a unidade final com o Pai.

Este período de reencarnações, na Terra, representa mera passagem de dor e de expiação, para os que não conseguiram regrar os procedimentos pelas virtudes superiores, o amor a carregar consigo a sublimidade dos sentimentos, tornando puros todos os pensamentos, porque fundamentados na benquerença aos demais seres, muito particularmente aos que nos acompanham desde sempre, conforme expus no capítulo anterior.

Este arroubo, este desabafo, esta autocrítica, este exame de consciência, tudo o que hoje me atrevi a desenvolver estraga o objetivo memorialista do opúsculo. Mas, que fazer, se estou cego para as diretrizes evangélicas e pretendo reproduzir emoções de nível inferior, conquanto apto a fazer-lhe o descarte, buscando a ossada espiritual?!

Contradição, contrassenso...

Este tópico vai encontrar-se com outro da preferência dos espíritos impacientes, qual seja, o de que esperam que os encarnados se tornem submissos aos conselhos de incorruptível prudência, pela experiência desagradabilíssima de encarnes desgraçados e de peregrinações sofridas pelas Trevas e pelo Umbral. Mesmo espíritos de escol soem

desconsiderar a possibilidade de os humanos virem a se conformar às verdades que lhes informam, acreditando que muito irão bater a cabeça, até que se sintam coagidos a entender a verdade superior da Doutrina Espírita.

Não acreditam em mim? Leiam *O Livro dos Espíritos*. Recomendação inócua para os que se estimam superiores; aconselhamento inútil para os que verdadeiramente são menos imperfeitos; informação contraproducente para os que se estão cansando desta leitura; redundância improfcua para satisfazer o desejo de equilibrar o texto pelo contexto da teoria kardequiana.

Querer não é poder, por isso, revolvi o projeto, considerando o presente capítulo como absolutamente necessário, para a compreensão deste ser que se dispôs a desnudar-se perante os companheiros e os encarnados. Deveria tê-lo dedicado às amizadas e o seguinte à cara esposa, citando a presença dos dois filhinhos. Depois, armaria o esquema dos acontecimentos que me levaram ao suicídio, para, finalmente, vários capítulos adiante, contar a desgraceira no pantanal sombrio em que mergulhei. A conclusão adviria, indefectivelmente, dos procedimentos que me trouxeram até este posto, momento em que descreveria as providências dos tarefeiros sublimes do Senhor, estes seres maravilhosos que se destinam ao socorro dos irmãos debilitados pela maldade, minha mãe à frente, conduzindo as investigações psíquicas, para surpreender o ponto essencial que me conduziu na última encarnação.

Mas a tendência atual é a de preservar os resquícios de cultura que se infiltram, aqui e ali, na escritura. Neste ponto, advogado que fui, poderia querer sustentar a tese de ter sido injustiçado, porque defendi as pessoas contra os socialmente mais fortes, os gananciosos, os detentores do poder político, econômico e até religioso. E deveria resguardar o médium, professor licenciado em Letras Clássicas, conhecedor do Grego e do Latim, mestre em Letras, portanto, perfeitamente capaz de inventar ou de inventariar, segundo desejos de grandeza pessoal no campo da projeção entre os do Movimento Espírita; mas também suficientemente esperto para entender ou pesquisar a respeito das citações que o expositor realize.

Terei o desplante de ofender a inteligência do leitor? Sim, porque vai caber a ele, em última análise, estabelecer o quanto de verdade existe neste relato que se quer a imagem, o retrato mais fiel da personalidade complexa de ser que se anuncia errático pelas esferas espirituais.

Vejam que intentei ser o mais coerente possível com as preocupações, expondo todos os itens que me assustaram, à vista da fragilidade das composições anteriores. Pelo menos, se não estou forjando história em que cada fato se associa aos anteriores segundo rigoroso programa de causas e efeitos, estou construindo texto de valor pessoal, pensado, raciocinado, positivo na exposição franca dos problemas que enfrento, fruto da proposta de trabalho que o *Grupo das Azaleias Multicoloridas* julgou oportuno levar ao conhecimento dos humanos desprendidos dos valores materiais, dos encarnados interessados em conhecer onde reside a força e a fraqueza dos espíritos que estão em condições de refletir a respeito de si mesmos, ao mesmo tempo que se atrevem a passar tudo para os olhos dos demais.

Não se iludam, amigos, com as referências eruditas a respeito dos temas evangélicos e espíritas. Quanto a esses pontos, é de obrigação do manifestante exprimir o

quanto assimilou dos ensinamentos que vem recebendo junto aos mentores. Todavia, se algo desandar, é preciso que se esclareça que os companheiros virão desfazer os equívocos, em momento oportuno, para o que me farão retratar-me, convencendo-me do erro e da verdade, ou, caso contrário, isto é, se eu recalcitrar, estúpido, me interromperão e abrirão parênteses próprios, segundo ficou acertado entre nós. Aliás, este parágrafo só se acrescentou após haver eu encerrado o ditado, quando fazia a revisão com o médium, obrigando-me o tema a retornar para a exposição, por influência dos parceiros. Bagunçou o escrito? Só mais um pouquinho. Contudo, serviu para demonstrar que o imprevisto é possível e nem sempre injustificado.

Falta explicar a proposta em epígrafe da humildade. Precisa? Então, prossigam enfrentando corajosamente os próximos desenvolvimentos.

SEM DEVANEIOS

Os poucos leitores que se atrevem a perfilar a leitura destas páginas, haverão de perceber a luta do autor espiritual por tornar todas as exposições o mais próximas possível da realidade. Se não for capaz de fazê-lo integralmente, será por exclusiva culpa de deficiência moral, intelectual e cultural, uma vez que não passei pelos sagrados cursos desta casa de ensino superior.

Dizem-me os mentores que deverei frequentar as aulas de catecismo ou de evangelização, para adquirir o domínio exato dos pensamentos espíritas fundamentados nas leis superiores do Universo, como norma cósmica estabelecida por Deus. E dizem que esse procedimento, uma vez iniciado e assimilado pela mente incorpórea da entidade em paz consigo mesma, jamais se encerrará, a não ser por obra e graça do Senhor, segundo critérios absolutamente desconhecidos por esses mesmos instrutores, que me auxiliam a transpor os umbrais da ignorância.

O que sei, então, para que se determinem os conceitos a meu respeito, no interesse de me situar entre as diferentes categorias dos espíritos que têm acesso aos meios de comunicação com os encarnados? Li todas as obras de Kardec. Li, como se leem os romances, ou seja, ao correr dos interesses imediatistas, para o verniz teórico de quem não pretende discutir mas impor dogmaticamente os ideais superiores do Espiritismo, dado que me apercebi influenciado de modo positivo pelos seres que me trouxeram até este patamar de relativa felicidade e paz.

Portanto, tenho a possibilidade de citar passagens inteiras, o que não deve ser levado à conta de vantagem alguma, dado, principalmente, que o meu leitor tem total liberdade para conferir a Doutrina de maneira segura, sem interferências de ideias preconcebidas que o autor desta má acabada peça possa executar.

Tenho transitado também por diferentes terreiros e centros espíritas, distinguindo, de modo efetivo, o que se passa nuns e noutros, quais as categorias de irmãos que trabalham ali e como exercem o privilégio de influenciar a mentalidade dos que procuram acomodar-se aos princípios da espiritualidade, sempre no esforço de adaptarem os dizeres e formas de culto aos patrocinadores terrestres, conforme a extensão do entendimento destes.

Não tenho encontrado substanciais diferenças na transmissão mas é profundamente disparatada a maneira de assimilação dos encarnados, sempre eivados de preconceitos, na recepção dos conselhos e das instruções.

Não se pense que esteja criticando uns e outros. Por favor, creiam-me imparcial e justo. Se estivesse encarnado, com a estrutura mental da derradeira vez em que estive na Crosta, aí poderiam censurar-me a aceção das pessoas, inclusive por causa da cor da pele, discriminando raças e categorias sociais, pretendendo-me superior por ser branco, loiro e de olhos azuis. Imaginava o Cristo com a minha aparência, pela iconografia católica, tendo deixado crescer a barba, repartindo-a ao meio, enquanto a cabeleira esvoaçava a maior parte do tempo, disciplinando-se perante os magistrados na primeira fase profissional e diante do chefe da repartição, nos últimos tempos de funcionalismo público, quando levava já o rosto glabro.

Minha mulher, Criseide, nome que detestava, apesar de lhe explicar o magnífico significado cultural e etimológico, não se agradou de mim por outra razão senão que representava para ela a juventude revoltada, agressiva e ousada dos cabeludos, contestadores da ordem social e dos privilégios dos poderosos. Desiludiu-se, evidentemente, depois que fracassei como defensor dos fracos e oprimidos, acusando-me de aproveitador das circunstâncias infelizes dos recolhidos na malha fina estendida para eles pelos burgueses e pela *élite*.

Estranha o médium a inusitada forma francesa que lhe pedi para assinalar a última palavra. Entenda-se, com isso, que a minha esposa pretendia insuflar em meu espírito o desprezo que devotava a tal setor da sociedade, ironizando.

Deu-me dois filhos, Geraldo e Francisco, nomes escolhidos por ela dentre os ascendentes de sua família. Teve medo que lhes brindasse com outros nomes de origem helênica, podendo chamá-los, que sei eu, de Poseidão, de Heracles, de Pátroclo ou outro quejando de gosto duvidoso.

Escolhi Criseide dentre inúmeras moçoilas em idade de casar que me rodeavam a beleza física e a possibilidade de sucesso financeiro. Só possibilidade, porque o curso superior precisei financiar com muito trabalho, uma vez que, como se viu, minha mãe não iria poder sustentar-me *filhinho-de-papai*, mesmo com a perspectiva de vir a ganhar para devolver-lhe com lucros as despesas de vários anos de ociosidade.

Mas Criseide, que conheci fora do campo acadêmico, era abonada e experiente no trato com rapazes mais velhos, tendo sido encaminhada no campo sexual desde os quinze anos. A bem da verdade, para que não se pense que me enganou mesmo antes do casamento, Criseide me contou as várias aventuras que teve, esmiuçando o desempenho de cada namorado, deixando-me muitíssimo claro que, se eu falhasse nesse mesmo setor do matrimônio, iria propor a separação.

Machista e chauvinista, tive de engolir as prerrogativas do sexo masculino, eu, sim, levando-a a supor que estivesse de acordo com as ideias libertárias dos anos sessenta, sob o signo do lema *paz e amor* dos malfadados *hippies*...

Quase me vejo falando mal de pessoas totalmente cômicas de seu papel revolucionário na sociedade. Se descambaram para o consumo exagerado dos psicotrópicos, da maconha e dos diversos produtos alucinógenos, como o L.S.D. e a

cocaína, também alcançaram despertar na mentalidade vigente o sentido mais puro de existência próxima da natureza, despojando-se de tudo o que a civilização tem de perverso.

Na época, eu sorria, desacreditando da sinceridade deles, imaginando o que seria dessas pessoas, quase todas jovens, se toda a população resolvesse adotar os mesmos princípios. Julgava-os aproveitadores do trabalho sério dos que produziam bens de consumo, marginais perigosos capazes de fazer ruir todas as possibilidades de enriquecimento. Mas deixava-os em paz, porque não eram concorrentes. Afinal, diziam para fazer o amor e não a guerra.

Perante Criseide, entretanto, elogiava os peralvilhos e prometia que, assim que terminasse o curso superior, iria trilhar os caminhos do mundo, acompanhando-a pelos campos e praias, ouvindo o *rock* alucinado das bandas mais...

Em suma, para não entediar o leitor espírita e para não espantar de vez o amigo fã dessa forma de luta em favor da igualdade de direitos dos cidadãos, Criseide me deu Geraldo e Francisco e se abalou, levando consigo a herança dos pais, dando sustento a extenso grupo de desocupados e viciados.

Eu não fui capaz de abandonar o conforto de casa de classe média. Dei a desculpa de que as crianças não iriam ser educadas na rua, ao deus-dará das influências perniciosas dos drogados, sob o prisma do amor livre, tese vigente na época e que resultou, como estamos vendo, em promiscuidade, a facilitar os desajustes mentais da juventude resultante. Digo-o de forma até simpática, para não provocar reações muito hostis, mas meu desejo é o de espicaçar os que ainda primam por essas ideias, referindo-me às doenças sexualmente transmissíveis, que hoje em dia proíbem as pessoas de se portarem segundo aqueles princípios.

De qualquer modo, Criseide ainda está entre os mortais, desconhecendo que os filhos estão comigo, débil mental, esclerosada, vagando pelos acontecimentos com que sonhou a vida toda, reclusa em casa de detenção para criminosos loucos, recolhida a maior parte do tempo em cela de isolamento, à vista da extrema agressividade com que trata os companheiros de infortúnio e os funcionários.

Ninguém há de dizer que tenha adotado forma linear de expor a história de minha vida. Vai aos trancos e barrancos, permitindo-me a memória ir dando vazão aos fatos que julgo mais importantes para a compreensão de como cheguei ao suicídio e a este momento de redenção.

Não cheguei ao final, mas esta história está entrando por uma porta e saindo por outra; quem não gostou que conte outra.

Peço perdão se estou passando a ideia de ser agressivo, de entidade perturbada, de espírito das Trevas. É que não vou disfarçar os momentos de crise, só para dar aos encarnados a doce ilusão de que, no espaço espiritual, tudo é pura felicidade. É preciso destruir o apego à matéria, eliminando todos os fatores que nos prendem ao Mundo, o que só se consegue executando tarefas de socorrismo, com muito conhecimento de causa e muito amor no coração.

Kardec é quem dizia que...

Será deveras importante e necessário citar o Codificador? Façam-no por mim. O.K.? Posso contar com isso?

MEUS AVÓS

Em geral, a juventude mal conhece os mais velhos. Não são poucas as criaturas que sequer tiveram ensejo de entrar em contato com eles, por terem desencarnado precocemente. Quando os avós sobrevivem aos netos, ou melhor, quando presenciam a transferência de um ou de mais de um para o outro plano existencial, é dor de infindável sofrimento.

E Deus falha em sua misericórdia? Absolutamente não, porque faz com que os velhos estejam com o tempo contado, prestes ao reencontro, mesmo quando não põem fé nessa possibilidade.

Se as crianças têm permissão para virem, através dos médiuns, colocar paradeiro aos pensamentos de suprema tristeza, esclarecendo que se encontram bem, na companhia de amigos e benfeitores espirituais, aí a alegria do reconhecimento da bondade do Criador gera a sublime convicção de que a vida continua, estendendo-se por campos de felicidade superior, onde o materialismo rude deste mundo corpóreo não atua, a não ser na recordação dos feitos da maldade e da malícia.

Este introito visa a levar os leitores à presença dos velhinhos que se encontravam ainda encarnados quando de meu tresloucado gesto.

Deveria explicar a expressão *tresloucado*, mas isso produziria quebra de expectativa diante do narrado, de modo que me permito adiar as explicações. Contentem-se em saber que os quatro seres, estando eu com trinta e quatro anos no momento do suicídio, viviam, lúcidos, acompanhando com o coração apertado os feitos de minha vida sentimental.

Temiam o desfecho, pela memória viva do acontecimento que envolveu papai, principalmente os pais dele, Clarêncio e Vitória, que testemunharam a derrocada de ânimo do filho a partir dos insucessos nos negócios.

O meu caso foi muitíssimo diferente.

Preparem-se para a tragédia, porque não suporto mais procrastinar a informação de como perdi os dois meninos.

Um dia, estando alcoolizado, fora dos hábitos, pois raramente bebia, voltava para casa de uma festa em que ouvira falar de Criseide e de seus desatinos, bati o carro contra um muro, em alta velocidade e despachei os dois rapazolas de uma só vez. Desse acidente, saí inteiro quanto ao físico mas arrasado pela dolorosa impressão de que fora o único culpado.

O mistério que resta resolver é o fato de Criseide não haver tido conhecimento do falecimento dos filhos, destacando os jornais o noticiário, particularmente porque, naquele dia, as matérias estavam fracas e o desastre atingia pessoas mais ou menos postadas na sociedade, caso específico dos pais dela. Eu não fiz questão de levar-lhe ao conhecimento o trespasse das crianças, ainda mais porque me achava em lastimável estado psicológico. Os avós estavam inutilizados. Mercedes é que mantinha melhor a aparência da resignação, envolvida desde algum tempo com o Espiritismo, desde que perdera o marido, no intuito de receber dele comunicação. Entretanto, ninguém se mexeu, no sentido de descobrir o paradeiro de minha ex-mulher, confiando em que teria conhecimento dos fatos através da imprensa. Só muito recentemente é que me surpreendi com a ignorância de Criseide do destino dos filhos, embora saiba que pratiquei o suicídio.

Devo salientar que essa crença de mamãe no outro mundo, de certa forma, me afastou dela, uma vez que não podia suportar o pensamento de que levava os filhos a serem carcomidos pelos vermes, pois era o que meus sentidos conseguiam penetrar. Rejeitei-lhe as palavras de muita sabedoria, afastando-me dela, por força de ter ouvido de meus irmãos a estupidez das recriminações, embora Carla não partilhasse desses sentimentos, chorando sentida a perda dos estimados sobrinhos.

Quando nos reunimos, vários anos depois, soube que tiveram permissão para o contato mediúnico, conversando com Mercedes no Centro Espírita, escrevendo diversas mensagens aos meus avós e aos deles, tratando-os com carinhoso afago sentimental, chamando-os pelos nomes e apelidos, segundo os costumes infantis, aliviando-lhes a sobrecarga emocional, dando-lhes a esperança de breve reencontro no etéreo.

Eu é que não tive a oportunidade de receber nenhuma cartinha especial. A bem da verdade, Mercedes me havia falado dessa possibilidade. Disse também que recebera informações de espíritos protetores de que os netos estavam bem. Mesmo os primos entenderam que eles vinham até os encarnados, para o regalo do conforto moral. Eu é que não prestava atenção a esses...

Subitamente me vem a desconfiança de que estou adentrando terreno de subjetividade evidente, para quem não admite o relacionamento entre os mortos e os vivos. Minha cabeça acaba ficando confusa com o inopinado das ideias subversivas que estou impondo aos descrentes. Na verdade, os adeptos da filosofia espírita devem estar julgando a exposição muito pobre, mas os que estão tomando conhecimento agora destas teses devem estar colocando em primeiro plano as dúvidas estruturais de quem não viu, não sentiu, não meditou, não se esclareceu, não vivenciou os fenômenos mediúnicos.

E, para os que se preocupam com o desenrolar da história, deve estar parecendo absurda a constante interferência do autor, a atomizar o interesse pelas personagens como forjadoras da vida e, portanto, como realizadoras do enredo, especialmente porque se conhece o desfecho desde o início.

Então, vou reiterar que esta criação literária está em pleno desenvolvimento, facultada pela participação dos companheiros do *Grupo das Azaleias Multicoloridas*, que me sustentam junto ao mediador encarnado, para que lhe passe as impressões que vou mentalizando, com extraordinária dificuldade no presente momento, tanto que estou tendo a necessidade de fazer uso do magnetismo de um dos parceiros.

Como gostaria de estar com os filhos, com mamãe e até com meus avós, todos já deste lado! No entanto, caminham por sendas desconhecidas, evidentemente mais avançados em todos os setores da personalidade, por terem realizado o ideário evangélico com propriedade, com sobriedade e fé no Senhor.

Um dia, não aguentando mais as acusações conscienciais, sem objetivo na vida, desprezado por alguns e desprezando a todos, cego para os que me amavam verdadeiramente, turvada a alma pelo desespero da ausência das duas pequenas criaturas, encurtei a vida tresloucadamente, pondo em polvorosa os velhinhos, pela certeza que tinham de que deveria o neto cair nas profundezas mais negras do Umbral.

Para o efeito do entendimento da Doutrina Espírita, contribuíram a morte de Pedro e o empenho de Mercedes. O meu crime era acréscimo de dor ao evento material. Não respeitei os sentimentos alheios e precisei pagar cada uma das lágrimas que se verteram por mim, pela natural comoção que os seres imperfeitos sofrem, quando são surpreendidos pelo desregramento espiritual dos companheiros de existência. Se as lágrimas podem causar o despertar do suicida para a extensão dos males que provocou, também não há negar que significam pesar verdadeiro, ao se reconhecer que o coitado não poderá fugir ao castigo que a consciência lhe propiciará.

Quantas vezes roguei o perdão dos velhos e dos moços! Não tenho, portanto, necessidade agora de realizar o ato de contrição pelas culpas purgadas e ainda não esquecidas. Se encarnado fosse, o palor da face indicaria, contudo, as tremendas descargas emocionais que me perpassam por todo o ser, desequilibrando-me para a serenidade a que o ato da escrita obriga.

Aos leitores peço que relevem os trechos incompreensíveis. Ponham-nos na conta dos repêlões mentais que a consciência me força a suportar, caso contrário, nada poderei comunicar e frustrarei as esperanças em mim depositadas por todos. Não foi exatamente isso o que ocorreu ao me matar?

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Diante do resultado dos ditados, pus-me a meditar a respeito do interesse que possam despertar. A primeira observação vou fazer repousar sobre a ausência dos diálogos, sabendo que os verdadeiros romances ou, pelo menos, os que fazem sucesso editorial se preenchem de intermináveis conversas entre as personagens, caracterizando o ambiente cultural e emocional.

Poderia argumentar, afirmando que mantenho o tom de colóquio, de forma a representar-me monologando diante de pessoas de carne e osso, presentes em imaginação, também capazes de recriarem a minha figura e os diversos acontecimentos, os quais disponho sem descrições, empenhado, sobretudo, em despachar os aspectos morais, sociais, filosóficos e espirituais. Mas não vou fazê-lo por impertinente, dado que todo bom narrador imprime ao texto a vibração do envolvimento das mentes dos leitores, sempre contornando as situações, inclusive de modo inverossimilhante, para construir os diálogos, satisfazendo o princípio prévio de que, sem eles, a obra não irá *emplacar*.

Fiz questão de o companheiro encarnado redigir o termo *emplacar*, expressão da linguagem atual e popular, para dar azo ao comentário da falência de meus dizeres, respingados de palavras cultas em franco declínio literário, também de difícil assimilação pelo comum dos leitores. E não apenas o léxico não prima por estar na *crista da onda*, como o vulgo dizia no meu tempo: muitas formas gramaticais não se deixam coagir pelo *modernoso*, caso mais nítido em se tratando das construções sintáticas.

Poderia valer-me dos conhecimentos linguísticos apurados do mediador, que não se negaria, sei muito bem, a adestrar o idioma, colocando a meu serviço outras modalidades mais afins ao gosto que os editores supõem, por razões estatístico-financeiras, ser o da população alfabetizada disposta a gastar tempo (e dinheiro) nesta arcaica maneira de aquisição de cultura.

Os parágrafos anteriores foram para demonstrar a minha teimosia, a minha enclacrada formulação personalista de quem não pretende ceder às evidências claríssimas de que esta comunicação, elaborada conscientemente à revelia dos ditames da padronização editorial, irá ser rejeitada e jamais virá à luz em que se desenvolvem as pessoas.

A se crer na verdade das conclusões acima, volto-me para os meus orientadores, na angústia de válida, pertinente e oportuna perquirição:

— Estarei cumprindo este dever segundo as expectativas dos mestres e dos colegas ou, o que me parece mais exato, estarei provocando-lhes as decepções mais deprimentes, já que não era assim que imaginavam o texto?

Está claro que a pergunta apenas ilustra a fórmula do estilo direto, uma vez que, pelo menos até este ponto, o ditado está seguindo o rascunho que foi aprovado pelos mentores. Esta é outra maneira de dizer que a resposta alcançada aprova os recursos de que dotei a mensagem, obtendo dos amigos e superiores permissão para prosseguir.

Resta considerar se todas as suspensões do narrado não suscitam as dúvidas relativas ao empenho maior que eu deveria ter em colocar os leitores frente a frente com os acontecimentos, levando-os a conhecer os mecanismos psicológicos da época, demonstrando como é que o desenrolar daqueles me levaram a reagir pela forma que o fiz.

Se estou em condições de afirmar as possibilidades de encaminhamento do relato, estou impedido de realizá-las, por completa falta de competência...

Permitam-me, de novo, interromper a ideia, para explicar o que penso a respeito do que seja *competência*, em se tratando de comunicações mediúnicas deste teor.

Quando se traz ser tão imperfeito, tão incompleto, tão mesquinho quanto eu, exigindo-se do coitado (sem sentido sentimental) que teça considerações sobre as próprias atitudes, previamente sabidas como desencadeadoras de tristes represálias cármicas, deve-se esperar que não consiga manifestações muito inteligentes, na abrangência de todos os fatores determinantes da ação. Pedissem-me para inventar história, preencheria todos os tópicos determinantes do sucesso junto ao público encarnado. Falar de mim mesmo, arrazoando sobre as causas e demonstrando as consequências, ao mesmo tempo que devo tratar o tema de ponto de vista exterior, como manipulam os materiais os cientistas nos laboratórios, está além de minha capacidade intelectual e emotiva (ambos os fatores entrelaçados estreitamente, impedindo-me de fincar pé na realidade, sem hesitações de caráter sentimental).

No capítulo anterior, revelei o que de pior fiz na vida. Precisaria estimular os sentimentos dos leitores no sentido da pieguice das lágrimas fáceis? Esse, na verdade, é o objetivo dos dramas e das tragédias da antiga e da moderna dramaturgia, sejam veiculados por que meio forem.

Pintei, sim, o desespero das pessoas que me amavam, mas dei ao quadro tonalidades pastéis, para referendar o pensamento de que a vida deveria ser encarada com maior determinação espírita, ou seja, na convicção de que Deus é pai de amor e misericórdia e que se deve deixar nas mãos dele a decisão final sobre o destino de todos os seres, especialmente quando o que nos resta fazer é apenas rezar, pedindo por proteção, por amparo, por intervenção, por socorro enfim, no amenizar das dores e sofrimentos de quem atuou de forma tão insensata, contrariando as leis do bem, da caridade, da esperança e da fé, em suma, do amor, conforme a pregação do Cristo.

Definitivamente, não vou mais pedir perdão aos amigos que me seguem por estes capítulos. Creio tê-los advertido com o máximo da honestidade, quanto às fraquezas deste espírito-autor, cujo desejo manifesto é o de lograr a demonstração de que aos homens e às

mulheres se obrigam as virtudes, para darem continuidade feliz à existência, no plano espiritual.

Todavia, os feitos durante a estadia no Umbral faltam ser trazidos e eles se prendem aos que deram forma à história da vida sobre a Crosta, de sorte que me verei na necessidade de referir-me a diversos episódios terrenos, para dar sequência compreensível.

Perdão não vou pedir mas agradecer a paciência de todos tenho de fazê-lo desde sempre, porque, é justo denunciar, estou capacitando-me a entender melhor as causas dos procedimentos incompatíveis com as leis do Pai que me trouxeram a este nível espiritual, que, reconheço, é contorcido, é disforme, é patético, conquanto, intelectualmente, advogado que fui, esteja no domínio de imenso cabedal de conhecimentos da realidade psíquica.

Falando de modo mais simples: faz-se, ao poucos, a luz para a minha mente sofredora, graças a este trabalho.

A ARMA COM QUE ME MATEI

Era uma *taurus*, leve, calibre 22, fulminante a pequena distância. Comprei-a no mercado negro das esquinas. Sem porte de arma, sem registro, desconfio que o sujeito ou usou para o crime ou obteve de quem tenha usado.

Por que digo isso? Porque, desde o primeiro contato, senti forte repelão moral, emocional, certa impressão de que vibrava com pesar e, ao mesmo tempo, com ódio.

Diria hoje que vítimas ou assassinos estavam por perto, prevenindo-me para a possibilidade de vir a empregá-la muito mal, se bem que, pensando seriamente sobre esses apetrechos bélicos, pouco benefício podem apresentar, conquanto as forças policiais se utilizem deles para debelar os marginais e impor respeito à autoridade legal.

Como pude chegar perto desse comércio espúrio? Ora, não afirmei que defendi criminosos confessos e outros tantos que negavam, *pro forma*, a autoria dos crimes imputados pela promotoria?! Conheci inúmeros delinquentes que me ofereceram seus préstimos, nos ramos de atividades de todos os setores da bandidagem. Eram traficantes, que me traziam a droga para a esposa. Eram contrabandistas, que me vendiam quase de graça os produtos da importação clandestina. Eram falsificadores, que se propunham a forjar provas, na defesa dos comparsas *sub judice*. Eram justiceiros, que juravam de morte os que porventura pudessem ameaçar-me. Eram assassinos, que se propunham a facilitar a transferência dos inimigos para o outro mundo. E eram vendedores de armas.

Aqui vou situar-me em perigosa bifurcação para a continuidade da confiança que os leitores depositaram em mim, à vista das informações que forneci. É que me disse falido no exercício da advocacia, vindo a necessitar do apoio de mamãe, para me assegurar modesto emprego público. Se não conto toda a verdade, exponho-me ao descrédito perante os mentores, que me estão dando tão magnífica oportunidade de regeneração. Se digo tintim por tintim o que fiz junto aos pérfidos, aos maliciosos, aos iconoclastas da moral burguesa, vou levar os leitores à conclusão de que é ilógico que aqui esteja tão pouco tempo depois do passamento, redimido de crimes tão hediondos em período recorde, antes mesmo que a vida biológica estivesse extinta, uma vez que teria, nesta data, a idade de cinquenta e nove anos.

Querem toda a verdade, com certeza. Então, devo revelar que o relacionamento com os perversos deu causa a processo contra minha pessoa, dentro da Ordem dos

Advogados, processo sigiloso, cujo resultado foi a recomendação de que não mais exercesse a advocacia.

Eis revelada a ganância que me fez rejeitado de mim mesmo, quando descobri a sanha com que enveredei pelos procedimentos mentais dos criminosos, adaptando-me facilmente aos ideais materialistas, confiante em que os tentáculos da justiça dos homens não me alcançariam, descrente da de Deus.

Foi por essa época que Criseide me deixou, curtida pelos psicotrópicos e pelas drogas mais leves que então se utilizavam. Posteriormente, veio a consumir heroína, haxixe, ácido lisérgico, arruinando a saúde física e mental.

Durante as desesperadas pesquisas que levei a cabo no Umbral, na tentativa de caracterizar a personalidade da mulher com quem me unira e de quem me sentia, a um tempo, credor e devedor, especialmente porque demos vida a dois espíritos de considerável harmonia moral, encontrei um indivíduo que me reconheceu como marido de Criseide.

— Você é o advogado expulso pela Ordem? É, sim, não há dúvida. O gajo que se casou com Criseide, a bela, a voraz...

— E você é...

— Você não vai se lembrar de mim. Eu estava junto àquele grupo que, uma noite, foi buscar a sua mulher para a farra...

— E agora representa a lei de talião, aquela que me quer cegar...

— Deixe disso! Estou querendo restaurar as alianças com os outros seres, segundo padrões vibratórios mais adequados para a ascensão à morada dos seres de luz. Mas os malditos...

— Nisto estamos de acordo. Malditos, sim.

— ...mas os malditos me repelem, dizendo que me encontro sujo, porque impedi o desenvolvimento físico de diversas crianças, por ter exercido o tráfico, ao invés de combater o vício.

— Não vou querer atirar nenhuma pedra, mas, se estivesse exercendo aqui a profissão de defensor dos direitos humanos, iria ter de concordar que o seu crime é passível de condenação. Poderei arranjar-lhe desculpas para os atos, porque é o que venho tentando fazer em relação a Criseide. Contudo, tenho visto muitas criaturas rastejando pelas trevas da consciência, sob a influência das anomalias de comportamento adquiridas durante a encarnação, por força de se deliciarem dopadas, sob o efeito de drogas, causa de suicídio, da mesma forma que fiz ao atirar na própria cabeça, apenas com a diferença de que o fazem de maneira devagar e sem a intenção definida de morrer.

— Aí, o advogado deve estar falhando, porque, conforme tenho observado, os viciados têm a noção exata, mais que isso, a convicção de que não irão sobreviver aos tóxicos. Você ouviu falar do *crack*?

— *Crack* é anglicismo para cavalo vencedor e bom jogador de futebol.

— Você está por fora. Não tem vagado pelo Orbe?

— Estou errando por estas plagas, esperando ser acudido por minha mãe ou por meus filhos. (Devo dizer que esta conversa se deu há pouco mais de um ano.)

— Vou embora, mas, antes, pretendo ouvir de você que não me está acusando de ter abusado de sua mulher, de ter feito com que ela dissipasse a vida no vício...

— Só pretendo saber uma coisa.

— Vamos ver.

— Quando meus filhos morreram, Criseide não apareceu para o velório nem para o enterro. Você sabe me dizer onde ela estava naquela data?

Dei-lhe todos os detalhes do local e da data.

O sujeito ficou pensativo, rememorando os acontecimentos, a partir da noite em que me viu pela única vez. De vez em quando, soltava exclamações doloridas, porque se avivavam as condições infelizes do encarne. Enfim, com supremo esforço, pôde assegurar-me que estava todo o grupo acampado à beira do mar, detalhando o que fizeram no campo da sexualidade, o que me constrangia a considerar-me vítima e não algoz, contrafeito por ter de ouvir semelhantes ocorrências com pessoa que deveria ter preservado junto a mim.

Vou passar por cima da crua discussão que se seguiu, para resumir que Criseide esteve impedida pelas drogas e pela deliberação de seguir o plano do nomadismo, fugindo da polícia e dos beligerantes civis, intolerantes que acuavam os do amor livre, obrigando-os a se afastarem das cidades, para formarem pequenas comunidades em lugares desertos, logo desbaratadas pelos cidadãos protegidos pelo pagamento das taxas e impostos oficiais.

Recuso-me a considerar a atitude dela como de desamor pelas crianças. Aceito que não teve nenhuma atração maior por mim, porque fui resgatado por mamãe, que me abriu os olhos quanto às ideias de perversão da moça, levando-me a afastar-me dela, ao impacto da notícia verdadeira da selvajaria sexual a que se entregava, em meio à horda dos amigos (amigos?). Eu e meus filhos, que fiz questão de furtar à presença da drogada, antes que lhes desse a experimentar.

Quando comprei a arma, queria garantir-me em relação aos assaltos da turma, porque ouvira dizer que aquela gente precisava das crianças para dar a impressão de responsabilidade civil. Defendera mesmo um deles da acusação levada a efeito pelos pais de sequestrado, que afirmava que o filho estava perdido para a sociedade, estragado pelas drogas etc. e tal.

O ENCONTRO COM MEUS FILHOS

Não deveria temer vir contar aos humanos como se deu o reencontro, no entanto, sinto-me deveras emocionado, como se fosse narrar fatos insólitos, acontecimentos dolorosos, algo que mexesse comigo ainda agora, por ter falhado na deliberação de me postar humilde, resignado, apto a receber o perdão daqueles seres.

Antes de filhos, essas entidades são tão autônomas, no etéreo, quanto qualquer de nós. Quando dizemos minha mãe, meu pai, meu irmão, estamos lembrando-nos dos relacionamentos de sangue, na carne. Ao decifrarmos a origem dos seres que se juntaram a nós em família terrestre, vamos, na maior parte dos casos, surpreender-nos.

Mercedes me havia prevenido de que Geraldo e Francisco eram espíritos relacionados a nós desde tempos remotos, embora não me despertassem para a verdade desse contato, se predominantemente bom ou mau. O ajustamento terreno leva a considerar as crianças como necessitadas de apoio e de amor, o que é natural nos pais. Entretanto, Criseide, por razões que não entendo, rejeitou os filhos, abandonando-os, seguindo rumos distantes dos laços familiares, a fazer crer em que todos nós fôssemos inimigos dela desde longínquas encarnações.

— Por que (havemos de perguntar) aceitou a maternidade para, depois, repudiar as pessoas?

Não estou empenhado em compreender o fato físico, pois é fácil de deduzir-se que a prática do ato sexual leva à reprodução, mecanismo absolutamente integrado à natureza dos seres materiais. A pergunta está a refletir a necessidade espiritual, ou seja, aquela que força os indivíduos a aceitarem encarnações de risco, previamente concordes com o sofrimento dos encontros coatos com personalidades adversas.

Por que Criseide, tendo conhecimento cármico prévio de quem iria habitar-lhe o ventre, admitiu, aceitou ou submeteu-se às gestações, deixando-se envolver, posteriormente, por critérios de separação, imergindo em si mesma, buscando as satisfações mais esdrúxulas, quando se requer das mães a sabedoria instintiva de quem ama e protege as crias, o que vemos ocorrer até entre os irracionais?

Essas cogitações, eu tive como contrafação do fato de ter levado os meninos à morte, em acidente evitável, caso me desse conta de que não estava em condições de

dirigir. Aumenta a responsabilidade do motorista, entre os mortais, nos acidentes que provoca embriagado, o que se encontra na lei. Não é diferente cá no etéreo, apenas mais cresce a suspeita de que havia predisposição moral, mental ou espiritual (como queiram designar a vontade que não se configura consciente para o pensamento lógico ou para a necessidade sentimental), para levar a cabo o assassinato.

Bem comparando, é como fazem os meliantes que se drogam para efetuarem os roubos, os sequestros, os derramamentos de sangue. Parece que criam coragem mas, realmente, o efeito é o do desígnio criminoso que não querem ver inoperante por recuos de última hora. A perturbação dos sentidos é o passaporte para a consecução dos projetos sem retorno.

Com tais ideias na cabeça, era preciso saber quem eram aquelas criaturas a quem dei origem carnal, para poder definir a extensão do crime ou a envergadura da culpabilidade. Mas Geraldo e Francisco não se apresentaram a mim com as roupagens perispirituais antigas. Vieram com as fisionomias de filhos, na idade mesma que tinham no momento do acidente fatal.

Eu olhava para eles com desconfiança, porque imaginava que essa configuração estrutural fluídica, ou seja lá qual for a melhor maneira de me referir aos seus formatos etéricos, vinha para me ferir os brios de pai assassino, para me recordar que lhes causara a morte prematura, que lhes havia prometido a vida e lhes dera o sofrimento de existência incompleta, fenecendo-lhe as esperanças de crescimento evolutivo, dando e tirando, como se as minhas conjeturas estivessem presentes na maneira deles de ver o caso.

Não os aceitei como crianças. Pedi-lhes para se vestirem com a indumentária espiritual anterior. Não me atenderam. Ou melhor, não me entenderam, correndo para mim de braços abertos, querendo apertar-me contra os corações, do modo que faziam quando tornava a casa de um dia de trabalho.

Pelo meu cérebro, as ideias faiscavam, a mais abismada a de que não havia como presidir-lhes o crescimento, porque, na espiritualidade, as crianças não têm os recursos biológicos de que dispõem na matéria. Para levá-los a compreenderem a situação em que os colocara, somente com muito amor, despertando-lhes os sentimentos existenciais. E eu, absolutamente, não tinha nenhum traquejo de lidar com entidades que se demonstravam infantis no etéreo, não só porque não me lembrava de nenhum treinamento anterior, como chegava de supetão, obnubilado mentalmente pelas dores pungentes da consciência suicida.

Punha-me na situação de carente e não de proficiente, na distribuição dos bens morais, evangélicos, cósmicos, universais. Tal terminologia mal arranjada não me conduz a conclusões incisivas. Eram ideias nebulosas que me punham inseguro e desconfiado, e que ainda agora permanecem como problema, porque não deslindei o mistério do passado.

Estou e não estou com os meus filhos. Mediante a minha indecisão, os protetores familiares, entre os quais os meus avós, arrebataram-me as crianças, para que não as levasse ao desespero, pelas vibrações que emitia eu, em detrimento do amor que deveria aplicar, na recordação sublime dos dias de felicidade que logramos na Terra. A impressão dos derradeiros tempos como que me apagava da memória a ternura infantil e eu queria ver nas criaturinhas as figuras que se escondiam a elas mesmas.

Agora me encontro mais tranquilo, sabendo que deverei integrar equipe de atendimento socorrista a seres em descompasso com as leis evangélicas, reconhecendo que a providência do Senhor, no sentido de dotar as mentes do dispositivo do esquecimento, é fruto de sua infinita misericórdia.

Eis-me diante de mim mesmo, porque duvido de que todos os acontecimentos estejam, hodiernamente, nas mãos do Pai. Acredito que Deus aja pelos princípios implantados na criação. Pelo meus conceitos do absoluto, o Senhor não tem por que se preocupar com as passagens, os processos evolutivos, conhecedor de todas as causas e de todos os efeitos. Por isso, desrespeito a ideia da misericórdia em função dos acontecimentos transitórios e afasto a Divindade das criaturas, porque creio que devam estas, por esforço próprio, avançar na direção dos bens eternos.

O que meus filhos estão levando-me a acreditar é na benevolência das leis, é no registro eterno, executado desde sempre, no âmago de cada criatura, para que se inteirem de que o futuro final é irrevogável, ao contrário do que aprendi entre os humanos, onde a legislação prima por contemplar os direitos estabelecidos, impedindo, muito mais do que facultando, que os menos dotados de recursos de toda natureza tenham acesso aos mesmos bens que os poderosos.

Gostaria de reproduzir os diversos diálogos que tivemos, mas nada demonstraria novidade, em relação aos encontros de pais com filhos, no âmbito do Orbe Terráqueo. Inclusive, à vista do desempenho precário deles, minha linguagem acabou afirmando-se piegas, nos trejeitos e muxoxos de quem estima evidenciar apego e benquerença aos petizes.

Mercedes está demorando para vir desfazer-me as dúvidas e estou começando a crer que deverei passar longo tempo junto a este pessoal que me assiste na ***Escolinha de Evangelização***, unicamente exercendo o direito de mentalizar todos os efeitos, saindo em busca de todas as causas, examinando cada pequenina atitude como reflexo da personalidade, sem preocupar-me com descobrir quem eram as pessoas que me ofenderam ou que eu tenha ofendido.

Quando rezo o pai-nosso, insisto em ignorar a verdade última da solicitação do perdão do Senhor, porque me nego, intimamente, a perdoar os meus devedores.

Deveria revelar essas impropriedades morais? Que fazer, se o contrário seria correr o risco da inverdade?!

QUESTÕES FILOSÓFICAS

Inútil dizer que venci a hesitação de trazer aos leitores as dúvidas que assombram minh'alma, desde o momento em que vi confirmarem-se os princípios da Doutrina Espírita.

Durante a vida, materialista de primeira linha, não querelava os sistemas espirituais, por julgar improcedentes as discussões sem fundamentos argamassados na matéria, pelo processo da comprovação empírica necessária, como se as ideias pudessem ser submetidas aos sentidos. Era como me descartava de adentrar os pórticos das religiões, porque não aceitava a derrogação das leis universais que os milagres representam.

Os espíritas devem admirar-se de que tenha mantido esse pensamento coincidente com as noções administradas a Kardec pelos benfeitores da Codificação, havendo o Mestre Lionês desenvolvido o tema até às últimas consequências. Crescerá a admiração quando souberem que Mercedes me manteve informado exatamente da não existência dos milagres, segundo o aprendizado que auferia no Centro Espírita.

Que ideia fazia eu, então, da existência? Como respondia às principais perquirições dos seres humanos, desde que se reconheceram com autonomia mental para efetuarem raciocínios puros, abstratos, lançando para outras esferas as soluções com que não atinavam, porque incapazes de comprovação?

Simplemente me desligava dos devaneios filosóficos, buscando pôr pé na realidade concreta dos sentidos, afirmando, peremptório, que o mais que o homem podia conhecer estaria limitado ao aperfeiçoamento do instrumental que lhe dava sensibilidade para ver o menor e o maior, para ouvir o distante, para distinguir olfatos e paladares, através de procedimentos químico-físicos, cujo conhecimento se fizera desde que se dera prioridade para o desenvolvimento das ciências, com o objetivo prático de facilitar as tarefas, para o conforto e o bem-estar das pessoas.

Metia o dinheiro de permeio ao ideal científico e aceitava que as universidades se dedicassem à pesquisa pura, isenta do interesse dos setores industriais, agrícolas e comerciais. Mesmo essa concessão, entretanto, não vinha sem a suspeita de que os pesquisadores visavam ao lucro que obteriam com o registro das descobertas e das invenções, créditos que lhes dariam a fama e os cargos, além dos *royalties* e das participações nos dividendos.

Essa lúgubre desconfiança da pureza das intenções de todos os mortais trouxe para o etéreo, obviamente por imergir diretamente no Umbral, local em que os espíritos mais categorizados não chegam a compreender sequer a razão de terem de aceitar os próprios sofrimentos como consequência das atitudes em detrimento da felicidade alheia.

Na escuridão, o universo se restringe aos seres malignos, infelizes, muito imperfeitos, maldosos e tudo o mais que signifique preocupação para a segurança dos demais. Se, na Terra, somos capazes de nos furtar às companhias desagradáveis, podendo isolar-nos em relação às pessoas que desejam ferir-nos, a menos que estejamos encarcerados, condenados pela Justiça a cumprir pena nos presídios e cadeias públicas, lá onde me vi arrojado, assim que cheguei espavorido, com tremenda dor de ouvido a repercutir por todo o cérebro, o mundo se restringia ao pior.

Sei agora que existem paragens mais sombrias, mais terríveis, mais infernais, mais lúgubres, mais infestadas de espíritos que não reconhecem nenhum dos princípios evangélicos, forcejando por ver prevalecerem os ideais do ódio, da dor, do sofrimento, impiedosos até para consigo mesmos, aproveitando-se de todas as oportunidades para a perturbação das mentes dos encarnados afins ou que não se premunam contra a falsidade, a torpeza, a malícia, o vitupério, os crimes em geral.

Naquele ambiente, ao contrário do que se vê sob a luz do Sol, não há ninguém que estimule a bondade dos demais, padres, professores, assistentes sociais, pessoas mais equilibradas, que oferecem palavras de boa vontade, de reconforto, que buscam tranquilizar as ânsias, que pretendem ser úteis no amparo dos que sofrem por causa das turbulências da vida.

Reconheço que houve época, na vida, em que não admiti nenhum ato de sublimação do principal crime, ou seja, a morte dos filhos. Quando alguém se aproximava para me trazer o amparo das experiências mais dolorosas, mais dramáticas, mais contundentes, não permitia que me expusessem as maneiras pelas quais poderia compensar, ajudando seres ainda mais desesperados.

Chamei este capítulo de *Questões filosóficas*, mas devem estar estranhando esse título os amigos que estudaram Filosofia, porque não estou refletindo sobre as causas últimas, sobre o ser e o não ser, sobre a moral, sobre a ética ou a estética, sobre o destino. Poderia, se quisesse, mencionar alguns teóricos e sábios e respectivas teses, segundo o ponto de vista sociológico das estruturas mentais vigentes em seu meio e como fizeram para superar o pensamento estabelecido, dando passos à frente. Mas esses conhecimentos trago de forma muito imperfeita, desde os tempos em que estudei nos compêndios do curso colegial, não me aplicando ao necessário aperfeiçoamento posterior, dado que me integrei à força de trabalho, a qual me absorvia por inteiro. Quando me ocupei das funções públicas, simplesmente despachava processos, dava pareceres técnicos, citava a legislação e voltava para casa, para curtir os filhos ou a dor da perda. Para que o relato se complete, devo dizer que lamentava de contínuo a deserção de Criseide, as alfinetadas dos gêmeos, o afastamento dos sogros e dos cunhados e assim por diante, porque me encastelei no meu *ego*, até o desfecho sangrento.

Mas eu dizia que não se encontrará aqui o desenvolvimento das teses filosóficas, senão que apresentarei conveniente reforço do ideário espírita, mal assimilado e não totalmente conhecido.

Quando Kardec, nas diferentes obras, se pôs a analisar os textos evangélicos, leitura a que me obriguei recentemente, para encetar este trabalho sem ferir os princípios doutrinários espíritas, me fez ver que deveria ter ouvido Mercedes ainda na matéria, uma vez que precisei retornar aos conhecimentos divulgados entre os mortais, conhecimentos que desprezara e que me estavam faltando, mesmo em forma de memorização inconsequente, para ter onde me apoiar, para requerer o resgate das trevas.

Eis que revelo, afinal, o princípio filosófico em falta, como causador de perturbações, no momento em que me compenetrei de que agira em detrimento de mim mesmo. A esse aspecto, darei o nome de filosofia de vida e recomendo aos amigos que façam e refaçam as leituras dos textos basilares, para terem subsídios teóricos, no caso de se verem jogados em ambientes desagradáveis. Com certeza, não precisarão perلustrar essas paragens de terror, se acrescentarem fé, esperança e caridade no trato dos semelhantes, buscando atender à lei do amor.

Paro para refletir sobre o meu sofrimento.

Se eu amava tanto aos filhos, a ponto de jogar fora a vida, como é que, ao chegar ao recanto em que se situavam no etéreo, não me desfiz em lágrimas e súplicas de perdão? É que, naquele instante, tinha subido à cabeça a convicção de que me sacrificara pelo suicídio e que me abismara na dor, pagamento que efetuei certo de que toda a dívida estava saldada.

Se eles me tivessem aparecido com as figuras das anteriores peregrinações carnavais, ter-me-iam acusado, provocando-me as reações da insatisfação cármica contra a benevolência e a misericórdia do Senhor. Aparecendo-me na qualidade de crianças, correndo para me abraçarem, dispunham-se solidários com a minha dor, refazendo o pacto prévio da encarnação, no qual, sem dúvida, lhes prometera assistência, compreensão e carinho. Recrudescer-se-me-iam os afetos, se não estivesse tão cheio de egoísmo, de empáfia, de presunção, na cobrança da realidade que, mais cedo ou mais tarde, deverei recuperar.

Mais acima, preguei aos encarnados para aceitarem a doutrinação cristã do amor. Eu mesmo, naquele triste e infeliz momento, não fui capaz de reconhecer o amor das crianças e a comiseração de Deus.

Arrependo-me durante a confecção desta página, que reconheço muitíssimo imperfeita. Quem sabe os maiores se condoam de mim e me ofereçam nova oportunidade de encontro com os pequenos, para que possamos selar a confiança que em mim depositavam cá mesmo no etéreo, depois de lhes ter provocado a morte.

Neste instante mediúnico, sinto-me profundamente decepcionado comigo mesmo, impotente para realizar qualquer raciocínio de grandeza moral, para assegurar aos leitores a verdade das emoções. Somente posso advertir para que não caiam na mesma armadilha e não brinquem de filósofos, deixando para os mais sábios os pensamentos transcendentais das teorias do existir. Trabalhem pelos irmãos e aceitem as dádivas de todos os amores.

É impossível prosseguir.

Fiquem com Deus!

VONTADE DE VOAR

Confessei-me *pé de chumbo*, na falta de expressão melhor. No entanto, o desejo da alma, assim considerado o vocábulo *alma* em acepção figurada, é o de se desprender dos liames que me seguram neste ambiente de sofrimento.

Durante a vida (conforme deixei evidente), não fui capaz de superar ou de sublimar as dificuldades, agudo desespero que me atormentou até o suicídio. Momentos vivi em que pensava poder ultrapassar as lindes da rememoração da tragédia, fato que não se repetiu no Umbral, onde a pressão mental se exerce diuturnamente, como se se eliminasse o tempo e só existisse a dor.

Quem enfrentou dores atrozes de dente, de estômago ou a peçonha dos aracnídeos, tem a leve noção do que estou dizendo, uma vez que, na carne, existem medicamentos para aliviar a ardência ou o agulhão que penetra cérebro adentro. Queimados se sentem melhor até com o som de certas melodias.

Nas Trevas, região mais profunda do Umbral, não se tem sossego nem esperança. Por isso, quando saímos, trazidos por irmãos socorristas, que nos parecem espíritos de luz ou mensageiros do Senhor, somos levados a acreditar em que tudo se resgatou de uma vez por todas, conforme sugeri no capítulo anterior.

Essa ideia logo se desfaz pela conturbação mental que se segue, por causa da iniciativa natural da compreensão dos fenômenos psíquicos, no sentido de se dominarem as causas e os efeitos, para que não se caia de novo em semelhante agonia.

O brado que mais se ouve nas profundezas conscienciais é a célebre frase:

— Que fiz eu?!

A interrogação se repete sem a entonação dramática, adquirindo matizes de cunho científico, de seriedade espiritual, no interesse evolutivo que se instala.

— Que fiz eu?

A pesquisa íntima é que prende a gente junto ao solo, embora o coração almeje as alturas.

Aí, a perquirição se modifica:

— Que fazer?

Quando não se tem orientação de mentores esclarecidos, como foi o meu caso, assim que me libertei das presilhas do remorso, fica-se imaginando que os demais seres

nos devam proteção e esclarecimento. São indícios de que os hábitos terrenos se arraigaram na personalidade, resquícios da dependência dos anos da infância junto aos pais e da adolescência junto aos professores.

Quando se está encarnado, obtêm-se esses privilégios pela inocência e pela fragilidade. Como espírito, a situação é constrangedora, porquanto chegamos adultos, querendo ostentar força perante os que nos perseguem, cheios de malícia nos raciocínios formulados para o engodo e para o ludíbrio. Quando penso em mim, acrescento as manhas advocatícias, o enredar retórico dos silogismos e dos sofismas, a impressão do poder da palavra pelo abuso das leis.

Mais uma vez, sou obrigado a inclinar-me respeitoso para a preclara manutenção dos estágios infantis. Aqui chegando como crianças, logo as entidades dotadas de alguma luz, na lembrança do que na Terra se faz, adotam o sistema do amparo, da orientação, do reconforto, ignorando por opção o passado desses seres, o qual pode representar tremendo peso cármico, a levar os infelizes, assim que se recordarem de quem foram, ao desespero umbrático.

A construção de colônias de auxílio aos que sofrem sem acusar o Pai não se fez de forma a imitar as instituições terrestres. Aqui, a necessidade de crescimento moral une os espíritos de mesma categoria, de mesma vibração, que é o que também acontece nas paragens mais tristes. A partir dessa união, as diferentes aptidões e experiências conduzem os objetivos do pretendido progresso, de forma que as informações que se trocam vão ampliando-se pelo número de indivíduos. Torna-se de rigor a confecção de códigos de aproveitamento, de escalas e tabelas de funções, para que todos possam perpassar pelos diferentes setores que vão definindo-se.

Aos que chegam e encontram a colônia montada, parece que tudo sempre existiu exatamente pela forma que está. Uma das providências mais urgentes é o relato minucioso da história da formação do instituto, para que se inteirem os novatos de que ninguém ali é perfeito, como ocorre junto aos humanos, para quem os chefes, os diretores, os comanditários, os mais antigos, os responsáveis, enfim, são pessoas de cabedal quase completo. Para os mortais, portanto, quando algo falece no direcionamento dos objetivos, os que estão no comando são os primeiros a serem acusados e investigados. Para os da espiritualidade, deve ficar claro que os neófitos responderão sozinhos pelas perturbações da assistência que lhes está sendo prestada.

Vejam, amigos, que minha vontade de voar se roja por terra, porque a pretensão esbarra na ignorância, na falta de prestação de serviços e até no ódio sufocado... Digo mal. Deveria lembrar que odeio determinadas pessoas e que pretendo vê-las passar pelas mesmas fases cármicas que eu, não no intuito sadio de que aprendam, de que vicejem para a vida espiritual; porém, na expectativa de que venham a experimentar os sofrimentos atroztes acima descritos.

Eis a realidade de meu *pé de chumbo*.

Estimula-me o texto para recordar aspectos da personalidade que me prenderam aos vícios de pensamento, durante a vida. Penso na constante iniciativa de me ver prevalecer sobre os demais. Buscava fugir dos temas comuns e me envolvia nos aspectos técnicos do Direito. Contudo, não me afigurava apropriado buscar a companhia de colegas, com quem manteria contatos eruditos e poderia ser derrotado em meus pontos de vista.

Procurava, sim, pessoas humildes e lhes despejava os textos legais, falastrão, pretendendo impressionar, o que me levou a oferecer vagas no escritório a jovens estudantes, que dispensava tão logo se manifestavam dotados de conhecimentos jurídicos perigosos para o meu jogo de poder.

Ouvindo-me discorrer tão abertamente sobre a falha de caráter, poderão julgar que esteja curado do mal. De parte dele, sim, porque da antiga crista resta bem pouco. Mas a conclusão que pretendo é aquela segundo a qual se possam realizar as mesmas pesquisas psíquicas, durante a vida, para que esta leitura e outras de cunho espiritual venham a aproveitar-se positivamente.

Ontem, ao ditar o capítulo, emocionei-me e nem pude encerrar direito as considerações que fazia a respeito do valor desta espécie de meditação de além-túmulo, para a devida preparação para a morte. Tal perturbação me levou a comprometer-me a oferecer outros desenvolvimentos de mesma importância, sendo esse o objetivo da presente dissertação. Prometo volver aos meus casos, nas próximas unidades.

De qualquer modo, penso ter caracterizado a minha *vontade de voar*.

O MENSAGEIRO DESCONFIA

Não precisava, tendo em vista a análise das tendências pessoais coincidirem com o observado, mas saí, nestes últimos dias, para conhecer a maneira pela qual os indivíduos reagem às informações fornecidas pelo plano espiritual.

Forçoso era, portanto, que perlustrasse as mentes dos que aceitam as teses espíritas, frequentando o movimento organizado há algum tempo, durante as sessões de debates e de leituras, as exposições e palestras e até as manifestações mediúnicas pautadas pelas explicações de teor doutrinário teórico. Em suma, deveria avaliar o resultado das comunicações, para o progresso intelectual e moral dos seres encarnados.

Durante a vida, não quis sequer ouvir falar em Espiritismo. Será que os praticantes, os filiados, os seguidores estariam afeiçoados aos princípios filosóficos e ao cabedal científico necessário para a compreensão dos aspectos técnicos ou mecânicos dos fenômenos mediúnicos, que são, em última análise, os meios pelos quais os do etéreo se comunicam?

Antes de responder, devo atender ao princípio da causa.

Que foi que me levou a investigar esses elementos subjetivos das reações psíquicas dos crentes e dos praticantes?

Foi a desconfiança de que estaria obrando junto ao médium de forma inócua. Parti do pressuposto de que as obras de Kardec, que li com surpresa e assombro, respondem proficientemente a todas as inquirições possíveis, dado, especialmente, que o Codificador foi emérito no questionar dos benfeitores espirituais que o assistiam.

Por outra: que perguntas poderia responder que não estivessem já exaustivamente explicadas?

Responderam-me os mestres que deveria encetar a pesquisa, para compreender como é que os mortais encaram as teses emanadas do plano espiritual superior.

Encafifei a ideia de que a humanidade, segundo princípios metodológicos hauridos das próprias exposições kardequianas, deveria estar muitíssimo mais avançada no conhecimento das verdades últimas, conquanto devesse presumir que tivesse havido contínua evolução, sem retrogradações, como se observa facilmente no que respeita aos conhecimentos científicos. Se os homens são capazes de entender os mecanismos físicos, químicos, biológicos, matemáticos do Universo, mais facilmente deveriam ter assimilado as noções morais que se fixaram nas obras, sem acréscimos de vulto, a não ser pelas

informações esporádicas de entidades de luz, espalhadas, por certo, pela literatura espírita, desde quando Kardec deixou a liça material.

Não houve, pois, surpresa, ao me deparar com imensas resistências intelectuais dos homens e mulheres participantes do movimento espírita, quanto à necessidade de aperfeiçoar os conhecimentos.

Pela experiência que trouxe da última encarnação, suspeitei de que as pessoas não se deixam embair por desenvolvimentos retóricos. Para o povo, em geral, é muito mais fácil acreditar no sobrenatural, no maravilhoso, nos milagres, na força e no poder dos espíritos superiores e mesmo dos ingratos e infelizes, no encantamento da intervenção ou intercessão de seres de eleição, como as diferentes Nossas Senhoras ou o próprio Jesus-Menino junto a Deus, do que estabelecer sério e conseqüente roteiro de estudos e de discussões.

A bem da verdade, resguardo os que agem de maneira correta, para a vivência pelas normas evangélicas, segundo o caminho indicado por Kardec. Em quase todos os centros espíritas, encontrei a afirmação destacada de que se deve estudar Kardec para viver Jesus. Nos corações, todavia, seja pela fragilidade deste observador, seja porque os observados assim se revelaram, não senti mais do que a lídima intenção de cumprir o lema em epígrafe, sem a devida dedicação. Os mais sinceros, os mais capacitados, os mais inteligentes encaminham-se, desde logo, para o trabalho junto aos necessitados, esmerando-se na assistência material, derrotados pela ignorância destes, pela má vontade, pela deliberada intenção de se aproveitarem do que julgam mera inocência ou excesso de culpabilidade social.

Então, concluí: por que escrever textos tão complexos e tão desestimulantes, páginas de extremos de exigência quanto ao entendimento das mensagens psicológicas, quando nem os elementos fornecidos por Kardec merecem da grande massa simples consideração? As pessoas leem os livros mais fáceis, dedicando-se a *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de preferência. Os médiuns buscam *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Apenas uns poucos dirigentes se atrevem a folhear *A Gênese*, quase sempre sob o estímulo da necessidade do exemplo. Para surpresa minha, dado o descrédito que imprimi à pesquisa, muitos leram *O Céu e o Inferno*, no incitamento natural das ideias que traziam de outras religiões, para saberem como é que o Espiritismo resolvia a questão do destino após a morte.

O mais são leituras de romances e pequenas obras de mensagens poéticas em prosa de boa qualidade, quase sempre no intuito de encontrar lenitivos para sofrimentos morais causados por dificuldades de relacionamento familiar ou por perdas de parentes queridos.

Livros como este, que está sendo construído à base de muito sacrifício, no decorrer das sessões de aprendizado evangélico, ficam estagnados nas prateleiras, corroídos pela curiosidade das traças e cupins.

Aqui sou obrigado a referir-me à participação do Professor Jeremias.

Enquanto ia eu ao encontro das aspirações dos mortais, vinha ele ao meu encontro, para sufocar-me o pessimismo das teses:

— Que esperava achar, Paulinho, que você já não soubesse?

Devo explicar que a conversa se deu depois de ter-lhe mostrado o teor da mensagem acima, escrita para esta tarde.

— Não tinha esperança de descobrir grandes feitos morais ou intelectuais. Mas desejava encontrar, entre os do Movimento Espírita, muitos com o saber na ponta da língua.

— E não é assim mesmo que ocorre com os irmãos envolvidos?

— Pelo que senti da reação deles, a maioria sofre da perversidade da dúvida. Kardec escreveu, argumentou, demonstrou, transcreveu as mensagens dos espíritos superiores, provou pelos fatos e comprovou pelas ideias, fazendo a descrição anatômica dos fenômenos mediúnicos, motivando os textos com a História da Humanidade e com as descobertas das Ciências. Mas ficou no passado. Cada vez mais, apesar das múltiplas edições das obras, a linguagem vai afastando-se da mentalidade reinante. Para chegar até ele, tem o homem atual de rejeitar o próprio mundo, constituído de imagens vertiginosas que adentram seus domicílios e se decodificam nos tubos catódicos dos aparelhos de televisão. O homem está desacostumado aos raciocínios puros. As crianças, nas escolas...

— Vejo que o velho hábito de advogado não está perdido. Entretanto, não me respondeu à pergunta. Vou repeti-la. Não é verdade que os irmãos trabalhadores da seara espírita realizam suas vidas, pelos preceitos da Doutrina de Kardec?

Eu não via aonde iam as intenções do instrutor. Resolvi concordar, mesmo porque a minha opinião, deveras, estava eivada de pessimismo. Julgara os homens preconceituosamente, talvez com o desejo embutido na alma de não prosseguir neste posto, por oferecer à luz dos humanos os resultados depreciativos das pesquisas conscienciais. Naquele minuto de interrupção, enquanto aguardava as observações finais do preceptor, admiti que agira sob o influxo do orgulho, da vaidade e do egoísmo, as três bestas-feras da Humanidade. Recolhera informações nada gentis, quando deveria ter valorizado o mínimo que cada um estava fazendo em prol dos demais, na expectativa legítima do lucro pessoal, no campo evolutivo. Então, respondi:

— Na minha condição atual de postulante a aluno da *Escolinha de Evangelização*, vejo-me na contingência de me restringir aos fatores de meu desregramento, não ajuizando sobre o procedimento alheio, ou cairei no artigo da lei que determina que ninguém deve julgar ou medir ou...

— No momento em que esse conhecimento das prescrições cristãs se integrar à nossa personalidade, estaremos aptos a dar um passo à frente na senda da perfeição. Escreva para os humanos tudo o que você pensou. Reproduza este diálogo. Anule, se possível, os reflexos emotivos provocados pela vontade de esconder as deficiências da personalidade. Mas expresse a verdade. Você verá que nenhum dado irá oferecer que Kardec já não tenha desenvolvido. Contudo, talvez a sua mensagem possa levantar problemas atuais e isso é benefício a ser levado em conta, mesmo se nada vier a ser do conhecimento de ninguém, além dos companheiros do grupo e do médium. Você acha que todas as lições de Jesus se encontram registradas nos livros sagrados? Por certo o Nazareno deve ter conversado com muitas pessoas sobre problemas específicos. É mais do que evidente que esteve tratando de pontos da lei do interesse dos doutores e demais intelectuais da época. Isto está mencionado nas escrituras. Acredita você que alguma obra dada aos olhos dos homens poderia conter toda a extensa sabedoria de ser tão excelso? Se

eu lhe der corda, provavelmente você irá dizer, com Kardec, que os espíritos afirmaram que nem tudo transmitiram, não apenas porque seriam incompreendidos, como ainda porque desconheciam grande parte dos fenômenos cósmicos. Conte-se em obrar a favor de possíveis leitores. O mais virá por acréscimo de misericórdia do Senhor.

Quando me deixava abater pela forte descompostura que via nas doces expressões de censura e de orientação, Jeremias concluiu:

— Faça o máximo possível. Deixe a crítica para os mais doutos. Isso inclui você mesmo, dentro de algum tempo, porque a evolução é processo contínuo, sem retrocessos. Se existem pessoas incapazes de entender o norteamo filosófico da Doutrina Espírita, a obra permanece, cada vez mais divulgada, para que, uma hora ou outra, o encontro se dê. Será que Kardec não pensava assim? E Jesus, achava que a Humanidade se salvaria de repente? Pense sobre isso.

REVOLTA INÚTIL

Sempre que me dediquei a contrariar os dispositivos da sorte, ao me ver atribulado, pressionado, coagido a aceitar os eventos, por inexoráveis, por irretorquíveis, por incontornáveis, deparei-me com situações extremamente desagradáveis, estressantes, desesperadoras. O ponto máximo desses acontecimentos foi a morte dos filhos, contudo, pior foi o tempo em que desejei desfazer as consequências do suicídio.

Certa vez, quando estudante, no curso primário, elaborei cola de mapa que não consegui mentalizar. Gostava de estudar mas certos pontos não me entravam na cabeça, especialmente quando não me punha a decorar ou a aprender, por ter ido jogar bola, brincar com os parceiros, ver um filme etc.

Pois bem, o professor me surpreendeu com o croqui, crivado de nomes de rios, de montanhas, de cidades, que pretendia decalcar sobre a folha da prova. Nem era o mapa solicitado, mas foi o bastante para me acusar de ladrão intelectual e de outros epítetos desairosos.

O fato de haver decepcionado o mestre não me perturbou. Aliás, nem me ocorreu que estaria realmente bravo comigo. O que me magoou foi ter sido flagrado, foi a ingenuidade em que me vi descoberto e nas mãos da autoridade. Levei um zero para casa e a recomendação de receber descomposturas de minha mãe.

Na ocasião, não me despertei para o fato de ter realizado a proeza pouco tempo depois do *assassinato* de papai. Também não vi nenhuma relação com a viagem para a casa dos avós. Mas a vergonha me atormentou os dias e prometi jamais cair na esparrela de me oferecer de novo ao holocausto da memória.

Provavelmente, tenha sido essa a causa de não me haver destacado na escola, porque, quando não tinha certeza dos pontos arguidos, preferia deixar em branco, conquanto me ocorressem teses plausíveis, que, posteriormente, se demonstravam verdadeiras, durante a correção.

Certa feita, comentei com colega que tivera tido a inspiração correta mas que não havia colocado no papel. Recebi solene vaia da turma, como se estivesse tentando mentir para me vangloriar. Esse segundo episódio me fez ainda mais recatado intelectualmente.

Agora, juntando todos esses aspectos mentais, vejo por que não me queria em maus lençóis com os colegas de profissão, preferindo demonstrar sabedoria apenas com os jovens inexperientes do escritório.

Já funcionário público, alheei-me dos companheiros, tornando-me casmurro, por força da expulsão da Ordem, a qual, na época, considerei injusta e atrabiliária. É que também aí fui surpreendido com a mão na massa, esquecido das represálias da puberdade, influenciado pela impunidade reinante, já que os apenados são os que não possuem recursos financeiros. Melhor dizendo, os pobres vegetam na cadeia, enquanto os ricos saem afiançados ou gozam da regalia da prisão domiciliar ou da reclusão noturna, nos albergues militares, com toda a mordomia.

Tendo ficado visado pela família, juntei a tudo a vergonha das atitudes infelizes de Criseide e me ensimesmei, abrindo-me em alegrias apenas com Francisco e Geraldo, âncoras de minha vida.

Por essa época, Mercedes estava imersa nas atividades espíritas, de forma que nos dedicava tempo apenas nos finais de semana, porém, com a agravante da companhia dos gêmeos, que me apoquentavam a paciência.

Deveria dedicar todo um capítulo aos olhares e sorrisos à sorrelfa das cunhadas e aos rasgos de ousadia dos sobrinhos, em relação aos primos. Mas compreendo que as pessoas aprendem a ser maldosas, na tentativa de defender o *status quo*, a segurança social que o dinheiro e os negócios lucrativos, sob o dossel da lei, lhes oferecem.

Se perguntasse a eles por que agiam agressivamente, iriam dizer-me que era ilusão minha, que não estavam interessados. Entretanto, sentia as alfinetadas, as indiretas, as insinuações, as referências a casos semelhantes, em que as personagens obtinham seu quinhão de sofrimento pela repulsa dos amigos e da sociedade em geral.

Atualmente, pelo que me foi dado examinar, não se lembram de mim sem me censurarem, acerbamente, a irresponsabilidade do trágico acidente e a loucura do suicídio.

As experiências do etéreo fazem-me prever, para irmãos e cunhadas, retornos tranquilos após a morte. Contudo, deverão regressar à carne muitas vezes, porque estão fortemente presos a si mesmos, no orgulho imbecil de se aproveitarem da vida, sem se condoerem pela condição dos pobres, dos miseráveis, dos incultos, dos famélicos. Integraram-se à realidade. Eis tudo.

Utilizei a mesmice das realizações dos gêmeos, para opor ao sentido da revolta que terminei imprimindo à personalidade. De tanto ver triunfarem os poderosos e de se safarem os malfeitores, terminei realizando o temor de Rui Barbosa, ou seja, dei-me o direito unilateral de fazer segundo o que me ditava a vontade, agindo à revelia da legislação, até mesmo na citação das doutrinas jurídicas, em descompasso com os temas da pauta. Isso quando atendia no Fórum, defendendo os criminosos. A rebeldia deu no que deu e perdi tudo ou quase tudo.

Precisaria juntar a influência perniciosa de Criseide, não tanto no sentido de me incentivar as atitudes desregradas junto ao tribunal, mas pela exemplificação dolorida da mórbida falência da instituição do matrimônio e, por via de consequência, da estabilidade familiar.

Quando reúno tantos fatores para explicar as causas dos fracassos, sou obrigado a desconfiar de que a fragilidade estava na formação moral intrínseca, a que carreei para a vida desde o plano da espiritualidade.

Neste estágio atual de assimilação dos defeitos de postura perante a verdade (e não estou fazendo referência ao domínio da sociedade sobre o cidadão), preciso ressaltar que a assunção da responsabilidade está a exigir de todos que ajam em consonância com os anseios mais puros da solidariedade, o que se alcançará se nos compenetrarmos do valor de cada pensamento transformado em ação.

O ato de redigir esta peça está mais ligado aos meandros sinuosos dos argumentos que não se fixaram definitivamente como reais do que com o intuito de concluir à perfeição a respeito de quais serão os meios mais eficazes para a superação das deficiências.

Aproveito para levar aos companheiros de trabalho a intuição de que todo o esforço de transmissão aos encarnados vá fazê-los confundirem-se, prestando atenção aos meios como se conclusões fossem, tornando absoluto o que é precário e incompleto.

De qualquer forma, vale o exercício para a notificação de que nada é simples ou fácil, quando se trata da análise dos acontecimentos vitais, porquanto o que existe é processo que se alimenta continuamente das informações arquivadas no cérebro, até o esgotamento de todos os fatores, porque atuam conjuntamente para a consecução dos objetivos conscientes ou inconscientes.

Daqui a impressão que o texto deixa de que está argamassado de forma irregular, sem vinculação estrutural aos conteúdos moral, intelectual, sentimental de meu espírito. É que ninguém é, definitivamente. Todos somos em transformação, em especial quando estamos empenhados em melhorar, a partir da execração dos vícios e imperfeições de caráter.

Não posso afirmar que tenha lastreado a inutilidade da revolta, mas garanto que persuadi a muitos de que devem atentar mais percucientemente para cada particularidade do ser.

ENCALACRADO

Tanto falei a respeito dos sucessos terrenos que me esqueci de ater-me apenas aos mais importantes. Isso significa que deveria ter evitado a escolha segundo as impressões de dor, elegendo também aqueles que me trouxeram prazer e que persistiram em plano secundário, porque construíram, em concordância com os outros, a minha personalidade.

Por exemplo, falei que Criseide fora tomada em matrimônio por ser rica. Mas também era muito bonita e cedi-lhe aos encantos da beleza física e intelectual. Devo também referir-me a ela com paixão, porque enamorei-me, verdadeiramente. Cheguei a amar a moça, durante os tempos do curto noivado e do casamento, até os meninos entrarem para a escola.

Tomei-me de ódio depois, quando percebi que me traía e não só com os rapazes e moças, mas também porque mudara visceralmente de atitude para comigo, vendo em mim um ser tacanho, sem possibilidade de incrementar-lhe a vida com aventuras de caráter sensual e sexual.

A bem dizer, transformei o forte egoísmo da psique em perda irremediável, dado que não me interessava mais conviver com criatura que se entregara aos vícios e que não se perturbava, despidorada, com as críticas dos outros, inclusive da família.

Nós não tivemos palavras ásperas um para com o outro. Quando deixou de me procurar para todos os efeitos do relacionamento matrimonial, preferindo passar o tempo fora de casa, reconheci que não estava em mim a força de superação dos males que me causara, tanto que não me esforcei nem um pouco para influenciá-la, sequer através de pessoas do trato comum.

Como herdei a casa, certamente porque ela não quis levar os filhos, calei-me, proprietário cheio de cobiça, temeroso de ter de despender as economias com algo que considerava meu, pelo trabalho da educação das crianças.

Mas não era eu sovina, na estrita acepção da palavra. Quis, tão somente, aproveitar-me da situação, descrente para as exigências que se faziam inócuas perante os tribunais, tendo sopesado os prováveis argumentos do ministério público, considerando-os muito frágeis perante a fortaleza de minha postura moral.

Quão diferente é o ponto de vista que esposo agora! Aqui no etéreo, as razões materiais caem inteiramente por terra. Vemos de maneira muito mais clara a necessidade das pessoas de serem socorridas, de serem auxiliadas ou, ao menos, avisadas. Neste ponto, lembro-me de Mercedes, que me deixou alertado para as conseqüências dos atos

incompatíveis com a moral superior e não com aquela acima referida, corrente na sociedade dos humanos.

Não quero dizer que, se corresse atrás de Criseide, iria desviá-la do caminho que tomou. A sorte não pertence às outras pessoas, quando existe a tendência consignada na vontade dos interessados em levar a vida pela maneira que julgam a melhor.

Neste ponto sempre é bom argumentar com a vida do Cristo, sob dois aspectos distintos: ele não só não tentou convencer a cada um em particular, como ainda não se deixou convencer de que morrer pela humanidade não resultaria em benefício extraordinário. Não foram os evangelistas e quedaria a cruz esquecida, donde se pode concluir que o cristianismo deve muito mais à pregação, aliás recomendada pelo Cristo, do que pelas suas próprias atividades de divulgação.

Não vou cair no embuste da exegese histórica, porque me responderiam, com razão, que os meios de que dispunha o Mestre eram muitíssimo limitados. Entretanto, não creio que tenha deixado nada que não fosse através da tradição oral. Eu sei que, se tivesse ele dedicado o tempo a escrever, não teria alcançado o renome das pregações nos templos e nos auditórios naturais da montanha e da beira do mar. Já pensaram se Jesus se tornasse mero escriba, sem as curas e as demonstrações de poder espiritual e mediúnico? Seria mais um desses autores esclarecidos mas muito pouco lidos. Teria, talvez, impressionado os letrados, deixando a massa analfabeta na ignorância, pela falta das instituições públicas de educação. Considere-se que o povo hebreu estava sob a dominação romana e vejam que tudo teria sido impossível.

Entretanto, se não houvessem os evangelistas divulgado a doutrina cristã, narrando os fatos principais da pregação e da vida do Nazareno, não seria admissível que a tradição oral subsistisse a duas ou três gerações. A História não registra a permanência dos ensinamentos de nenhum grande espiritualista sem copiladores e escritores.

Assim, eu vejo a minha futura administração existencial, também sob o duplo aspecto da escrita, que se desenvolve, e da ação socorrista, que devo levar a cabo junto a Criseide, debilitada psíquica e espiritualmente.

Nesta altura, recapitulo os conceitos anteriormente emitidos a respeito da opinião que trouxe sobre os correligionários humanos do movimento espírita e corrijo o ponto de vista emitido, aceitando que tenham razão quando levam conforto material e moral aos carentes. Jeremias me fez ver que estava errado, mas precisei meditar para chegar à mesma conclusão, o que me levou a aplicar aos meus gestos a crítica que fiz aos demais.

Valham-se, amigos, destas experiências subjetivas que tento externar sob forma muita vez desarrazoada, neste ir e vir de ideias e sentimentos, falando e me arrependendo em seguida, enlacrado, como epigrafei, para demonstrar que Kardec trouxe à mente dos homens de boa vontade a paz da verdadeira doutrina espiritual, tornando os mortais confiantes em que, se cumprirem as normas do viver estabelecidas nos **Evangelhos**, irão ter os corações serenados e a alma preparada para os eventos subsequentes a essa passagem obrigatória de uma a outra substâncias fluídicas.

Peço, humildemente, perdão à esposa, por não tê-la ajudado, quando mais necessitada de mim. Deveria ter compreendido que o desprendimento dela era simples faceta da personalidade. Quem sabe, se eu lhe tivesse aceitado as terríveis imposições dos

vícios, com muito sacrifício e jeito, não lhe houvesse influenciado o ânimo para respeitar a vida dos filhos, que dela precisavam em razão do carma?

Faço conjeturas difíceis de comprovar. Não tenho exemplificação hábil de pessoas que se arremessaram na voragem das dificuldades e retornaram em glória, trazendo consigo os que provocaram esse tipo de reação, entes amados e em descompasso de vida.

Jesus foi censurado por adentrar os lares dos que o povo considerava maus. Respondeu que o médico entra nas casas dos doentes. Contudo, os livros sagrados não trazem casos definidos de seres que se regeneraram. Sabemos que Jesus teve muitos discípulos, além dos apóstolos, gente que instituiu a prática salutar dos princípios do amor a Deus e ao próximo, do dar também o casaco e do andar mais outra milha. Contudo, houve o Judas Iscariotes, a negar todos os ensinamentos do Mestre, estando tão perto dele.

Defino-me, concluindo, pelo norteamento do futuro pelo melhor de mim, em proveito do próximo. Certamente, não sofri os mesmos remorsos do Traidor, porém, aconselho aos leitores que prestem atenção aos dizeres descontraídos da dissertação. Nada existe mais terrível na espiritualidade do que pensar em fazer o bem, ou melhor, em programar atender ao chamamento de Jesus, e reconhecer-se inoperante, porque a vontade não é soberana sobre as deficiências do caráter.

Quando penso nos momentos de alegria conjugal, lembrando as feições de Criseide dos tempos em que fui feliz, as lágrimas insistem em correr, porque me responsabilizo pela perda e por tê-la acusado e aos companheiros pelo desvio para as sarjetas da ignomínia moral.

Tomei como exemplo das coisas agradáveis que deveria ter mantido o relacionamento com Criseide. Meus pensamentos se voltam, também, para as coisas boas que Mercedes me proporcionou, que Carla, Anacleto e Fabrício tinham a oferecer, que Geraldo e Francisco não desenvolveram, e dos demais seres a quem me liguei por laços consanguíneos.

A cada um devo levar o meu sentido pedido de desculpas, caracterizando, previamente, o cunho da dívida a saldar, de antemão predispondo-me ao perdão do que me possam ter feito. Essa análise vai depender de séria pesquisa de comportamento, incluindo o conhecimento isento de emoções dos vínculos pregressos relativos a outras encarnações e aos períodos no etéreo.

Solicitei de Jeremias permissão para implantar as medidas saneadoras, sem a aquisição dos conhecimentos aludidos. Respondeu-me:

— Querido, a necessidade de saber o que o levou a agir pela maneira que o fez não está presa à curiosidade estulta daqueles a quem apenas interessam as aparências. Se você agiu, significa que foi motivado. Se partir para a reparação simples e pura dos erros, estará desarmado perante as razões aventadas pelos prováveis desafetos e contendores. Por outro lado, há que aprender a superar as dificuldades, o que o levará à pergunta imprescindível: — *Que dificuldades?* Conhecer-se a si mesmo é isso que preconizamos para a realização do ideário cristão, o que não comporta negligências nem fanatismos, no sentido de nada caracterizar ou de tudo querer compreender. À medida que for entendendo as causas das ações e reações, poderá reconhecer a verdadeira personalidade dos seres com quem teve os entrelaçamentos. O saber, amigo, como você aprendeu na Terra,

não ocupa lugar e o tempo irá passar de qualquer maneira, aproximando, afinal, os que deveriam encontrar-se juntos, segundo a programação frustrada.

Que tal, leitores amigos, repensar a respeito do título desta página?

PÁGINA DIFERENTE

É forçoso que diga o que realmente penso de tudo o que tenho escrito e da atitude condescendente dos amigos do *Grupo das Azaleias Multicoloridas*, incluindo o bondoso Mestre Jeremias, que me tem dado preciosas orientações.

Posso dizer que esteja satisfeito com a forma da escrita, que se traduz em linguajar de bom nível, censurável, contudo, se tivesse o desejo de me ver lido pelo populacho mal alfabetizado ou, mesmo, por irmãos interessados em levar o conhecimento das peças aos desprovidos dessa qualidade social.

Não vou demorar-me a considerar o estilo, trejeito de humano desprecauído quanto ao fundo, que, no meu caso, exigiria léxico mais adequado às narrativas de cunho psicológico. Sou o que sou e transmito o que penso por meio de expressividade ao alcance de intelecto dotado de singulares processos linguísticos, sem me esmerar no que concerne ao vernáculo clássico, tanto que imiscuo terminologia estranha aos parâmetros cultos e me aproveito de certos termos vulgares ou da moda, aplicando-os na exata acepção, o que significa dizer que não me deixo embalar pelos sentidos figurados, apesar de conhecer os aspectos conotativos adequados para exprimirem da melhor forma a ideia.

Quem tiver acuidade mental para a decifração das charadas e para a hermenêutica dos textos e dos contextos, deve ter verificado que não estou contente é com o fundo, com os temas, porque não descobri nada que pudesse ser original, que fosse vanguardeiro para a literatura espírita.

Comentei já a ajuda que dão os que contam sucessos mais próximos do ambiente dos leitores encarnados. Mas estarei executando esse real serviço de assistência espiritual? Terei sido sagaz o suficiente para apresentar facetas novas dos velhos problemas da humanidade?

Pensei muito nesse aspecto e concluí pela negativa, sem ser o que se poderia chamar de pessimista, de inconformado ou de insatisfeito contumaz com todas as coisas que faço, tendo em vista a série imensa de defeitos que averigui existirem no caráter, na personalidade.

No tópico anterior, pretendi estender-me a respeito das coisas boas da vida. Bem pensando, poderia fazer lista bem mais alentada dos benefícios que tenho recebido dos amigos do etéreo, mormente depois que fui resgatado das Trevas, onde curti desespero quase inolvidável, que me gerou o terror da repetição dos erros pela incompetência em me tornar melhor.

Quando vivo, sabia que os criminosos não se regeneravam nas cadeias e esse julgamento me levava a subestimar os poderes da Justiça como instituição restritiva dos direitos dos que não souberam coordenar as ações dentro das bandas da moralidade, da civilidade, do urbanismo, da cidadania, do bom senso ou do senso comum. Evidentemente, punha conceitos pejorativos em relação ao desenvolvimento civilizatório a partir dos valores da sociedade, tendo cultura para cotejar com os sistemas dos países desenvolvidos do chamado Primeiro Mundo.

Essas ideias, que, na época, recebiam o apodo de superiores, de avançadas, não se constituíram em ideais de vida ou em filosofia do comportamento ético. Se me pedissem para elaborar textos publicáveis na grande imprensa ou na especializada, não teria fôlego intelectual para manter o tônus elevado do teor científico que deveria impregnar nas dissertações. Eram ideias, simplesmente, que levava comigo para o quatinho em que conversava com os clientes, na tentativa de ver nessas criaturas os *humilhados e ofendidos* de Dostoievski, para a improvável consignação de que o *crime e o castigo* não poderiam estar nas absurdas mãos de justiceiros do tipo dos *irmãos Karamazov*.

Quando me vi envolvido com seres estranhos, cuja atividade criminosa não lhes afetava a consciência, voltando a assassinar mesmo dentro das celas, precisando ser separados dos demais, para não virem a ser executados, acreditei, piamente, que o espírito humano é desvairado, a ponto de criar, de estruturar, de fundar e manter as instituições através de forças policiais legítimas, para ter quem faça o serviço sujo da eliminação dos inimigos que pululam dentro da miséria e que se revoltam, acusando, tacitamente, os que se postam no poder econômico e, por via de consequência, político, religioso, administrativo etc.

Quando pensava assim, revoltava-me pelas prósperas condições de vida da minoria, mas não me esforçava para integrar-me (será que posso dizer?) em alguma daquelas quadrilhas ideologicamente propensas a desbaratar, pela violência da guerrilha urbana ou campesina, o regime sob o qual vivíamos, ou seja, a terrível ditadura militar.

Eu me restringi a filosofar. Simpatizei-me com os que se sacrificaram, quer doando as vidas às causas, quer exilando-se para outros países, de onde podiam promanar influências subversivas.

Costumava imaginar Mercedes com razão e projetava as almas dos que morriam na espiritualidade, colocando, no Céu, os que eram vítimas das torturas e, no Inferno, os que eram alcançados pelas balas dos iconoclastas. Invariavelmente, eram mártires os representantes das forças subterrâneas, bem como eram sádicos os terríveis seres a soldo das forças armadas.

Não pude aquilatar quantos foram transferidos para as áreas de beatitude da celeste harmonia, entretanto, para surpresa minha, nas Trevas, encontrei diversos que colocara na categoria dos santos, sofrendo os mesmos horrores que eu, endividados e revoltados contra o Senhor, no hábito que se arraigou de desmerecer os que gerenciam a

coisa pública, por força das conjunturas existenciais que agrupam os seres na face da Terra. Ali, reuniam-se em conchavos, em *aparelhos* de ideologia alienígena, realizando, em pensamento, as mais tremendas vinditas, não acreditando, muitas vezes, que estavam sob nova formulação corpórea, todos incapazes de perceberem a fluidez perispirítica.

Será que são estas as informações a que devo referir-me quanto ao recente passado desta pátria, quando muitos ainda se encontram na carne e prosseguem estagnados na mentalidade que formularam para si, desejosos de ver restabelecido o antigo estado de direito ou rindo-se da integração dos revoltados veteranos aos ideais burgueses? Será que não estarei, simplesmente, ofendendo as pessoas, pela convicção que firmaram, regendo o procedimento de acordo com normas estatuídas, sobre as quais não têm poder de alteração, não porque desejem e não consigam, mas, especialmente, porque não têm qualquer possibilidade de conceber algo diferente?

Se me tivessem entregue alguma página como a presente, na Terra (vejam bem, no período em que não me via premido pela tragédia), simplesmente a teria rejeitado desde o cabeçalho, incapaz de manter o interesse da leitura até este ponto, quando estou revelando miserável aspecto da personalidade. Diria que não era comigo e preferiria seguir construindo castelos de altas torres com masmorras apinhadas de gente fardada, togada, mitrada, engravatada. Mais tarde, incluiria as sirigaitas do sexo fácil e do desregramento moral, eu, machista e inconsequente, com certeza porque fora por essa forma que aprendera a conceber a sociedade.

Não tenho poder de transferir para esse universo os ditames da Doutrina Espírita, especificando cada pequenina qualidade moral para suplantam os defeitos de interpretação da vida no orbe terráqueo. Fico devendo, sem promessas de que vá realizar a catarse dos pensamentos mórbidos, desculpando-me, desde já, pelas falhas de conceituação, particularmente daquelas que colocam no mesmo caldeirão os bons e os maus, porque ninguém deve ser considerado totalmente culpado ou inocente.

É como diz Jeremias:

— Se fôssemos perfeitos, não estaríamos aqui; nem se fôssemos inteiramente malignos. Deus nos criou simples e ignorantes. A simplicidade nos causa medo, enquanto a ignorância nos repugna. Mas não são o medo e a repugnância o contraponto da fé e da esperança?

Aperfeiçoemo-nos nas virtudes e não consideremos despiciendas as informações providas do etéreo pelo mediunato dos trabalhadores espíritas. Eis o resultado a que cheguei, após ter-me visto encalacrado no dia de ontem.

A CRÔNICA DAS PERVERSIDADES

Sinto-me em débito permanente com a sociedade, a qual jurei defender das injustiças e dos erros humanos provocados pela volúpia das posses e pelo desregramento do poder. Naquela cerimônia de entrega dos diplomas, compenetrei-me de que haveria de me doar ao povo, caso lograsse êxito retumbante junto ao Tribunal, verboso que era, pois me demonstrara promissor nos entreveros simulados.

Não contava com a sorte, essa madrasta dos desvalidos.

Paro para raciocinar sobre a derradeira frase. Não deveria erguer o edifício da vida profissional? Que história é essa de facultar ao acaso os encontros e os desencontros com os que me levariam ao alto da fama forense ou que me atirariam ao ostracismo dos gananciosos incompetentes?!

Na verdade, o primeiro grande triunfo se deu na defesa de criminoso confesso. Forjei provas contrárias, anulando as acusações, argumentando que a confissão fora extraída mediante tortura. Na época, o expediente vigia e era do conhecimento público. Fosse o juiz requerer investigações *in loco* e abriria a possibilidade da descoberta dos recônditos dos presídios, das delegacias e, principalmente, dos quartéis. Meu cliente não cometera crime político, senão que surrupiara os bens de certa viúva (alegre viúva), terminando por extirpar-lhe a vida.

A família estava de olho na arrecadação das propriedades, habilmente transferidas para o nome do sacana e alienadas a tempo de não levantar a suspeita dos compradores.

Era caso claro de apropriação indébita, mediante coação moral. O promotor, no entanto, não se esforçou para levar avante o libelo acusatório, tendo em vista particular conversa que mantivemos, durante a qual certos valores em moeda corrente foram transferidos de mãos.

Julguei que houvera alcançado repercussão e, de fato, assim aconteceu. Entretanto, o que se espalhou foi que me fizera esperto demais quanto aos subterfúgios aplicados. Meu cliente sujou-me o nome, sorratamente, contando a comparsas as manobras de minha habilidade. A triste figura do colega da acusação era conhecida nos meios jurídicos e o juiz não era o mais ilustre membro do ministério público.

Esse conjunto de fatores, os quais não forjei mas dos quais me aproveitei, direcionaram-me os processos subsequentes. Enquanto os réus apresentavam condições financeiras para arcarem com despesas insólitas, fui referendado nos argumentos pelas decisões dos jurados ou pela brandura da condenação, quando perdia para a realidade irretorquível. Assim, pena que deveria ser de cinco a dez anos, se reduzia a dois, dois e meio, no máximo, com direito a *sursis* e demais regalias sob as prerrogativas do meritíssimo. Derrotas nominais, portanto, eram consideradas vitórias acachapantes contra a honestidade dos que, do outro lado, pleiteavam a culpabilidade.

Eis que formulo o contrassenso do suicídio. Tão integrado estava nesse devaneio de que a fórmula do perdão estava sendo controlada por mim que não posso requerer para os leitores compreenderem a suprema condenação que lancei contra a minha pessoa, à revelia de todas as leis humanas e divinas.

Se é verdade que recebi merecido castigo dos companheiros advogados e que me vi obumbrado pela fortaleza da instituição pública, jogado atrás de pilhas de processos administrativos que, monótonos, vinham lambe-me os pés, como as ondículas que se perdem no extremo areal das praias, inofensivas e isentas de interesse e motivação, também devo reconhecer que não me admiti como culpado, declarando veemente inocência, arquitetando vinganças improváveis, deliciando-me com os frutos colhidos no pomar de Criseide, espicaçado pelos atos de sua liberalidade.

Foi patética a crise que me fez imergir em álcool. Sentia-me o mais incompreendido dos mortais, o mais envergonhado, o mais injustiçado. Quisera estabelecer princípios legais próprios, a partir das leituras dos textos referidos no capítulo anterior. Não atentei para o princípio do Direito. Desejei ver-lhe os fins, na capitulação do tribunal aos argumentos da astúcia, enquanto enchia a burra com o produto dos crimes alheios. De repente, estancaram as fontes em que me fartava. A Ordem dos Advogados e Criseide, como se agissem de comum acordo, arremessaram-me no desvario das frustrações e comecei a *afogar as mágoas...*

Faço questão de repetir a cediça imagem, para demonstrar que o cunho popular da expressão se coaduna perfeitamente com a gravíssima queda moral de um sujeito que se quis o estandarte da jurisprudência do país.

Torno torta a escritura, para que sintam a perturbação mental que se apossou de mim. Afirmei alhures que não era alcoólatra. Não tive tempo para isso. Na primeira oportunidade, joguei o carro contra o maldito muro, que, para me azucrinar ainda mais a paciência, resguardou-me, sem condescender com os pobres filhinhos.

Dava personalidade às coisas. Achava que o carro se desgovernara por injunções mecânicas em descompasso com o meu bater de coração, como se o ritmo dos pistões tivesse sofrido colapso, entrando em coma profundo, na velocidade que a perícia calculou como de cento e quarenta quilômetros por hora.

Se me tivessem dado o dever da acusação junto à barra do tribunal, teria demonstrado a responsabilidade criminosa do motorista, alcançando, seguramente, condenação máxima por crime doloso, pois iria configurar o desejo suicida.

A morte das crianças foi a desculpa esfarrapada que tentei inculcar na mente das pessoas. Tal desculpa me acompanhou durante todos os momentos em que rastejei pelos charcos do Umbral, clamando por salvação, sem esperança de ser subtraído aos horrores

da consciência. Enquanto não atinei com a verdade psíquica, pela tremenda força que imprimi aos acontecimentos que me despencaram do alto da infâmia para o enfrentamento da verdade cósmica, precisei curtir a dor da desconfiança da inferioridade espiritual, em contraste terrível com a malícia cristalizada pelas manifestações da inteligência desenvolvida.

Ainda não superei o desespero. Digo mal. Ainda não me restabeleci do choque da monstruosidade, como se, besta-fera, me visse súbito perante o espelho da verdade, em condições de aceitá-la como realidade, mas sem poder de sublimação.

Deveria reproduzir as sábias palavras do Professor Jeremias, contendo-me os arroubos descritivos, para que não me prejudicasse no momento justo da percepção dos defeitos, das imperfeições, sagrado momento da tomada de consciência perante as oferendas da divina misericórdia, que o termo *desespero* do parágrafo anterior jogava por terra. Não vou, contudo, sedimentar a fórmula dos capítulos anteriores. Valha o discurso indireto. Aqui se acende tênue luzinha de esperança, vocábulo que deveria grifar como o mais importante para meu presente existencial.

O mais vai ser trabalhar pelos semelhantes, pelo bem e pela felicidade de todas as criaturas, desapegado das perspectivas de grandiosidade pessoal, convicto de que a restauração dos perdidos ideais de Justiça dependerá de nova peregrinação pelo globo, sufocadas as faculdades do intelecto, segundo pude absorver dos ensinamentos kardequianos.

DAS REVELAÇÕES

Disse que meu nome foi atribuído de forma a fantasiar a realidade. Dei, entretanto, todas as pistas para a descoberta da verdadeira pessoa que fui na Terra, tanto que seria apenas perflustrar os anais da Ordem dos Advogados para saber quem foi banido e terminou acidentando os filhos e matando-se.

A partir da investigação sobremodo fácil de concretizar-se, o mais viria automaticamente, a ponto de serem localizados os parentes vivos, para a formulação de justa teoria de retorno espiritual.

Do ponto de vista espírita, esse sistema tem sido aplicado inúmeras vezes, quer por petição dos familiares e amigos, quer, espontaneamente, pela iniciativa das entidades.

No meu caso, não admiti revelar-me exatamente quem fui, porque não desejo que a parentela se ponha a especular sobre a verossimilhança dos elementos fornecidos, especialmente no que concerne ao aspecto moral, uma vez que é desabonadora a opinião que tenho de quase todos, o que iria gerar vibrações de muito sofrimento, nesta via de duas mãos que se constitui nas influências imateriais.

Não pretendo obsidiar ninguém, fato que naturalmente decorreria de as pessoas reconhecerem-se descritas, sem as características da bondade superior e da argúcia evangélica que presumem possuir. A partir daí, as acusações contra mim iriam, com razão, intensificar-se, ainda mais porque me encontro em fase de autoconsiderações desabonadoras, a incentivar dolorosas invectivas.

Hão de querer saber se os dados são fidedignos, verdadeiros, ou se são forjados, a partir da necessidade de inventar-se história para a comoção dos leitores, resultando, porém, na inconcussa conclusão de falsidade, de mentira.

Não gostaria de perder a confiança dos amigos para os relatos que venho proporcionando, contudo, devo adverti-los para o aspecto da realidade que subsiste, após confessar que estou adaptando dois ou três roteiros vividos por seres que comigo uniformizaram o ritmo vibratório, com a finalidade de não propiciar à maledicência ou à maldade dos corações imperfeitos a possibilidade de caírem em tentação. Parodiando Jesus, se o escândalo há de vir, não seja por mim.

Graças a Deus, Jeremias trouxe ao grupo a condição de que, em momento oportuno, deveria o narrador explicitar os recursos utilizados para o disfarce da personalidade.

Resta esclarecer que, sendo ou não advogado, fui punido pela lei dos homens; que recebi, por vias transversas, emprego público de bom rendimento; que, em acidente automobilístico, dei cabo da vida de dois filhinhos; que meu pai, deveras, é suicida; que tenho irmãos gêmeos e mais outra irmã, mais novos, ainda vivos; que minha mulher me abandonou e está internada em manicômio, entregue aos cuidados de psiquiatras, tendo me deixado a casa em herança; que me liguei a bandidos, participando, como receptador, dos atos da delinquência; que me vi enleado na gosma consciencial, para o sofrimento cármico de quem ofendeu a natureza intrínseca das criaturas e que recebi o afeto de diversos seres importantes para mim, mamãe à frente de todos; que realizei todas as atividades relatadas no etéreo, inclusive participando de excursões à Terra, para conhecimento dos fatos recentes, desde o tempo em que fiquei preso no Umbral; que recuperei, acredito, completamente, os dons da inteligência e da utilização mais ou menos correta da linguagem vernácula, capacitando-me a esta realização gráfica.

Se algum informe não for verdadeiro ou similar ao que me ocorreu, terá passado através de minha ignorância dos fatos, uma vez que não tenho como dominar as ações das pessoas, o que compreendo perfeitamente, para não esbarrar em presunções descabidas.

Eis que abro aos leitores as portas do coração, para que vejam dentro dele os fatores de risco, ou seja, os pontos obscuros que não quero evidenciar. Explicando melhor, podem os amigos conjecturar, da mesma forma que escondi diversos elementos importantes para a revelação de quem fui no Orbe, que tenha subtraído acontecimentos ou caracterizações psíquicas que poderiam oferecer perigo para a manutenção do equilíbrio espiritual das diversas personagens do drama.

A longa retrospectiva tem razão de ser. Veremos.

Mercedes, que descrevi como santa criatura no capítulo inicial, ficou-me devendo...

Não sei como tornar sem efeito os dizeres anteriores, sem passar o sentimento de que estivesse malbaratando o tempo de todos os que se dedicaram à leitura. Mas foi recente a descoberta de que meu pai agira em detrimento da própria estabilidade psicológica, por aborrecimentos provocados por Mercedes. Quando o casal se viu endividado, a mulher não perdoou o marido, pela descoberta (infelizmente?) de que muitos dos bens poderiam ter sido mantidos, se não tivessem sido desviadas importantes somas para as mãos de outra ou outras mulheres de ocasião.

Azucrinando a paciência do marido, Mercedes favoreceu, tremendamente, o crescimento da resolução dele de atirar na própria cabeça. Nós, os filhos, não captamos, na época, a extensão dessas prerrogativas da intimidade conjugal. Eu consegui apanhar o mal-estar dos cônjuges, assimilando-lhes os procedimentos por via subliminar, isto é, educando-me inconscientemente para futura aplicação nos mesmos moldes. Dessa forma, posso levantar a suspeita ou a razoável dúvida de que o meu tiro tenha sido a repercussão, em conjuntura apropriada, do balázio que levou meu pai.

Utilizando-me do mesmo raciocínio, deverei concluir que Mercedes também me indicou caminhos de redenção psíquica, avisando-me das teorias espíritas. Mas uma coisa é

a flagrante e incisiva influência dos fatos e outra é a tênue e problemática sugestão dos argumentos.

Por que Mercedes (esta é a pergunta que me faço) não tem aparecido para confortar-me, em visitas rotineiras de espíritos protetores? A sua ausência me põe alerta para os seus desvios de personalidade, apesar dos conhecimentos espíritas hauridos desde há tempos. Se sua formação fosse aquela que presumi no dia em que a descrevi gloriosa, não seria lógico que voltasse a se mostrar a mim, acarinhando-me, como fazia quando apenas eu era o seu filho do coração?

Jeremias abana a cabeça, em sinal de censura. Sinto-me o vilão da história. Sei que deveria vibrar em favor de minha mãe, ainda mais se visse confirmadas as suspeitas. Como, porém, nos aspectos mental, sentimental, intelectual, espiritual, prometi ser verdadeiro, não posso deixar de exprimir o que me vai no âmago do ser, precipitado, talvez, mas leal para com as normas estabelecidas para esta participação.

Quero deixar em suspenso as demais ilações que me têm ocorrido, a partir de reflexões fundamentadas nas descobertas das intrincadas maneiras pelas quais as sensações se condensam no cérebro, tendo em vista eu mesmo me aceitar como complexo e malicioso. Transfiro para as outras criaturas o que deduzo de mim. Não poderei, no entanto, rejeitar essas fulgurações que a percepção mental me decifra.

Não estará, no entendimento desse tipo de reação psíquica, a razão de não desejar revelar-me completamente?

IRREVERÊNCIA

Muito meditei a respeito dos termos com que redigi a mensagem anterior. O bom deste sistema de se transmitir um capítulo por dia está em que o tempo fica a favor dos mensageiros, podendo rascunhar a defesa de possíveis críticas que surjam na própria mente do mediador.

Desse modo, pude entender que passei aos leitores a ideia de que fui desprezado por mamãe. Nada mais falso. Eu é que tive essa impressão. Impressão e não convicção. Como posso fundamentar conclusões em tão poucos elementos positivados na realidade?

O que sei, verdadeiramente, é que fui retirado do Umbral por esse espírito que me ama, sem contradita, porque alguém poderia levantar a suspeita de que outro espírito benfeitor pudesse ter assumido as feições dela, para o efeito de não me rebelar contra quem estava a propor-me viagem cujo termo não tinha como conhecer.

Precisaria desenvolver a descrição do Umbral e dos seres que lá jazem, sua psicologia e sua maneira de encarar a existência, o Universo. Essa é tese que não me atrai, especialmente por não ter conhecimentos muito extensos e por não me ter dedicado com afinco ao estudo dos caracteres. Aliás, o que venho tentando é, justamente, apreender o sentido de minhas reações, para definir, pelo menos, uma espécie de atributo espiritual característico de entidade naquelas condições.

Mas não vou apagar a sensação que transmiti de que, verdadeiramente, penso ou sinto o que escrevi, embora não esteja sendo reverente para com ser tão magnífico, ser que me acalentou a infância, sem falar em que me pôs no mundo, após o sacrifício da gestação e dolorido parto natural.

Aqui é que adentro outro aspecto sórdido das urdiduras mentais, pois fico a imaginar, por falta da certeza da comprovação das recordações de antes da encarnação, que poderia ela ter recebido qualquer ser, uma vez que se espojara na paixão pelo marido.

Falando bem francamente, estou pondo a descoberto o que me existe de edipiano na formação mental. Sempre fui ciumento de Mercedes, a ponto de considerá-la minha. Durante os transtornos da escuridão umbrática, passava horas de desespero, imaginando-a traindo-me, como se rememorasse acontecimentos concernentes a outras vidas.

Não faz muito tempo que tentei derivativo dessa teoria, ou seja, que Mercedes pudesse ter sido mui querida e fiel esposa e, por isso mesmo, ao me aceitar como filho, estava desejosa de caracterizar o relacionamento com outro gênero de amor, sem as implicações da dominação pelo sexo.

Irreverentemente, portanto, lancei a dúvida da formação moral de criatura a quem deveria prezar acima de todas as demais. Não consigo, porém, desfazer a terrível impregnação cerebral das vibrações de ódio, porque, no fundo, a degenerescência do amor pelo ciúme redundava exatamente nesse caos psíquico, quando os seres passam a comportar-se inconvenientemente, apesar de estarem cientes de que não deveriam ceder aos impositivos dos sentimentos inferiores.

Sei que os leitores são bem capazes de entender o que venho tentando esclarecer, bastando que se lembrem do tabagismo e do alcoolismo, cujos súditos têm absoluta certeza das causas e consequências, entretanto, não se condicionam para eliminar os vícios.

Se eu pesasse mais de duzentos quilos, poderia argumentar que não era a comida que estaria elevando-me o peso? Por mais que estivesse arruinado o sistema endócrino, não poderia aduzir como razão para adquirir peso o fato de que a doença é que era responsável por isso. Precisaria de ajuda especializada? Certamente. Não seria imprescindível, mas por que não me aproveitar do conhecimento profissional alheio, quando a aquisição deles demandaria tempo demasiado, até que se iniciasse o regime restaurador da saúde?

Poderia trazer à baila todos os vícios oriundos dos psicotrópicos e dos alucinógenos. Esses se caracterizam de forma muito mais aguda e a dependência dos usuários é vista como de difícil cura. Para os viciados, existem clínicas especializadas, numa das quais, por exemplo, está internada Criseide.

É por isso que estou sob o amparo dos socorristas da ***Escolinha de Evangelização***; porque são os *profissionais* da assistência moral, formados na teoria e na prática, aptos a realizar acompanhamentos de crises do tipo pela qual estou passando, uma vez que tenho conhecimento dos males que se me instalaram no ser, que não me ponho disposto a suplantar, como comprova a insidiosa presença dos pensamentos destemperados.

Espero em Deus que Mercedes venha logo visitar-me, trazendo as informações que me tranquilizarão.

E se os dados que me fornecer (que lhe permitirem oferecer-me) confirmarem-me as suspeitas? Terei pensado em que poderei recair e refocilar-me de novo nas Trevas, desesperado e imbecil, incapaz de reverter, obviamente, o passado, furioso comigo mesmo por sentir-me apaniguado por inteligência tão fulgurante e, ao mesmo tempo, estúpido até o fim, no descontrolo dos sentimentos?

Surge-me, agora, a perspectiva de que algo do que arquitetei possa estar correto e outra parte, a mais importante, sem fundamento na realidade. Aí, estaria eu preparado para o exame isento dos fatos e das pessoas?

Certamente, não. Enquanto me aborrecer com a lembrança de que Mercedes pertenceu a outro...

As imagens dos gêmeos se me cristalizam na mente, causam repugnância e constrangem-me o coração. Carla, ao contrário, provoca-me doce rebeldia contra a possibilidade de tê-la como inimiga, como rival, como...

Quanto me dói a ausência de recordações! Quanto me doem as lembranças dos crimes que cometi!

Já me disseram que, aos poucos, os fatos bons e prazerosos irão surgindo, para a sufocação dos aspectos ruins da vida e das deliberações tendenciosas ao prejuízo dos demais. Faço força para pensar neles, diligenciando a restauração dos dias em que a consciência não me acusava, para brincar na saudade de Francisco e Geraldo, no amor de Criseide, na proteção de Mercedes, na companhia de Carla. Empenho-me para restaurar os momentos em que, na escola ou no trabalho, tive satisfações, sucessos, admirado por participações brilhantes nos debates e exposições jurídicas.

Fico, nesses instantes, com os olhos marejados, cego para a realidade exterior, constrangido pela anterior incompetência para a percepção de que aqueles eram, verdadeiramente, momentos de felicidade.

Tem razão o poeta quando se refere ao fato de que as pessoas são felizes e não sabem. O pior é desconfiar, posteriormente, de que a felicidade entrevista sob a perspectiva histórica não se tenha concretizado, ou melhor, que o passado está sendo recriado pelo desejo de superação das deficiências atuais, extraindo-se dos quadros mnemônicos os arcabouços psíquicos arcaicos que determinaram a ausência da noção de felicidade.

O momento presente constitui-se no problema sentimental que deve ser resolvido e o indivíduo retrograda no tempo, aspirando restabelecer princípios psíquicos que acredita sob os escombros dos sofrimentos.

Não preciso ser percuciente para admitir que as reflexões que venho dispondo em forma de raciocínios (que se querem lógicos) possam ser falsas, inverídicas, fruto do dado maior acima referido: a irreverência com que tenho tratado os temas mais sagrados da espiritualidade.

Saber, no sentido de ter conhecimento, eu sei, e todas as virtudes sou capaz de enumerar e descrever, utilizando-me de exemplificação abonatória, nos prós e nos contras. Vivenciar estou verificando que está quase impossível. Pelo menos, para efeito de me manter junto a esta tribuna, devo alertar para o fato de que pretendo despojar-me da malícia e caterva de vícios da alma, para o que roguei aos benfeitores amigos que me perdoem o desplante da erudição com que impregno os textos. Acho que, enquanto não despojar a linguagem, vivificando frases e parágrafos, não estarei preparado para as mudanças que a inteligência me preconiza.

Que Deus me ajude!

RENEGADO

Sem luz, passei horrores nas mãos dos piores seres, na terrível fase umbrática. O que me acudia à mente, a todo momento, era o princípio da Justiça, a me perseguir em sonhos dantescos, como se se concretizasse a ideia de que falcatruara nas comprovações em que deveria ter sido honesto.

Passada a temporada do agudo sofrimento, ponho-me a meditar sobre a possibilidade de não ter estado nas mãos perversas das figuras demoníacas, mas que sofri alucinações, que resultaram em feridas por todo o corpo espiritual, o chamado perispírito. Penso seriamente em que a mente conturbada criou os fantasmas horrendos, dando-lhes a fisionomia, a aparência e a estatura de pessoas com quem fiquei em débito na Terra.

Dessa forma, fui apedrejado pelos meus próprios filhos, por meus pais e até por pessoas que não voltaram ainda para o etéreo, como meus irmãos, Criseide, meus sobrinhos e outros.

Ora, não posso aceitar que as entidades dulcíssimas se estimulassem para que me considerasse réprobo perante o Universo.

Somente quando cheguei a estas paragens de relativa paz é que me forneceram a hipótese de que nenhum daqueles seres eram, verdadeiramente, os queridos parentes. Disseram-me que se tratava de entidades infelizes, malignas, perniciosas, capazes de se desfazerem das individualidades, para adquirirem as contexturas dos seres a quem eu pedia perdão.

Eram inimigos gratuitos? Essa era a interrogação que me atormentava, porque, perante o Pai, cuja realidade punha em dúvida, não poderiam exercer o papel de executores, desqualificados perante as próprias consciências.

Cheguei a receber a condescendência de me ver perante tribunal ali montado, com juiz, meirinho, promotoria de acusação, advogado de defesa, corpo de jurados e público interessado no desfecho, para aplicação da pena, porque dali, segundo soube depois, ninguém saía inocentando. E assim foi, apesar de ter assumido, a certa altura, a própria defesa e de ter argumentado, inclusive, contra a jurisdição da corte.

Teria conseguido imaginar os debates e a pena cominada?

O que sei, ao certo, é que, um dia, calejado pelas surras monumentais que me infligiam, surpreendi um novato que arreganhava os dentes, conquanto emitisse tristes rajadas vibratórias de que estava sumamente amedrontado. Desvencilhei-me dos perseguidores, por meio que desconhecia e que depois me ofereceu tópicos preciosos para as reflexões, e avancei contra o pobre, desferindo-lhe socos e pontapés, gritando blasfêmias e xingos. Olhava para mim como se me conhecesse e me chamava de António e me pedia perdão e me prometia restituir os bens que me havia surripiado e corria, sem se subtrair do meu alcance, oferecendo-me a compensação de me indicar onde é que escondera certa quantidade de moedas de ouro. Somente consegui parar de agredi-lo, quando seu rosto me pareceu conhecido, sorriso de avô muito querido, entre lágrimas do mais profundo sofrimento.

Ao me colocar na situação dos que me feriam é que compreendi que tudo poderia ser apenas criação da fantasia exaltada, porque desejava compreender a causa de estar sendo executado sem processo e sem direito de defesa, enquanto minha atitude demonstrava que o julgamento se dera na intimidade do coração.

Considereei que toda movimentação física se realizara em função de simulacro que lancei no campo de percepção do sofredor, tendo surrado o indivíduo a distância, pelo efeito de envolvê-lo em meu campo de atuação magnética.

A tese era de que, para cada indivíduo, existe espécie de campo de força, dentro do qual suas atividades são exclusivas. Vamos supor que o corpo humano determine o limite do invólucro e que a pessoa irradie qualquer vibração energética, o que, comumente, se conhece como aura. Pois, para mim, aquele campo não passaria da aura, ou seja, do território em torno capaz de ser influenciado pelos fluidos transformados pelos padrões da personalidade física e moral.

Quando o sujeito adentrou o meu campo, desprotegido, recebeu a descarga que eu emitia, sofrendo a desdita do choque eletromagnético, o qual, para minha mente se constituía de socos e pontapés, e para a dele, talvez, de surra de açoite ou ferimentos a bala, seja lá o que for.

Sendo assim, admiti que meu socorro se deu apenas no instante em que os benfeitores puderam aproximar-se sem serem repelidos, apesar de portarem aparelhagem capaz de tornar sem efeito o dardejar malévolos. Porém, de que adianta arrastar para dentro das muralhas da colônia seres que não se acalmam? Ao contrário, se os inferiores lograrem penetrar no ambiente sadio, irão receber forte descarga das baterias condensadas das vibrações energéticas da coletividade, uma vez que é justa a proteção dos avanços conseguidos por meio de muito sacrifício e trabalho. Dessa forma, serão devolvidos para o local de onde provieram, com a sobrecarga da impressão de que estão sendo rejeitados pelos que lhes deveriam oferecer a beatífica visão da paz dentro de congregação que irradia benéficos sentimentos de solidariedade.

Aceito, também, a hipótese de que os inimigos se tenham apropriado de meus temores e tenham lançado contra mim as mesmas descargas acima referidas. Essa ideia é tanto mais perigosa quanto tenho conjecturado que os encarnados que vi a me espancarem poderiam fazê-lo sonambulicamente, durante o sono, quando a alma é capaz de perambular pelo etéreo, segundo o padrão específico de cada vibração.

Falarei francamente.

Suspeito de que os gêmeos tenham tido essa facilidade, porque não os admito como companheiros de outras jornadas. Antes, presumo que são os litigantes mais frementes, porque nenhum refrigerio obtive deles, através de lágrimas saudosas ou de preces confortadoras.

Sei que minha muralha protetora pode estar causando embaraços para o relacionamento afetivo. Sei, também, que posso ser eu a personagem inferior, tanto tenho rejeitado o pensamento de ir visitá-los.

Ponho-me nas mãos dos mentores para os esclarecimentos necessários, uma vez que não acho, nas leituras memorizadas de Kardec, nada que possa elucidar-me a dúvida.

PERIGO IMINENTE

Nestes últimos tempos, enquanto vou descrevendo as reações mentais a respeito da jornada existencial, tenho estado absolutamente concentrado em mim mesmo, realizando a pesquisa do inconsciente, alheado das tarefas rotineiras que o alunado desta ***Escolinha de Evangelização*** pratica, no auxílio dos necessitados, conforme a disposição e a competência de cada um.

Antes, integrava conjunto de socorristas, na qualidade de ajudante geral, fazendo serviços de quinta categoria, inconformado sempre pela sujeição a seres simples, que não reconhecia como superiores a mim, tanto em facilidade de compreensão das diretrizes científicas, como em cultura geral aplicada aos fatos relativos ao mundo da matéria. Falando francamente, sem ferir a ninguém porque me desfiz dessa impressão, julgava-me muito mais inteligente e apto a levar avante os trabalhos de explicação aos infortunados e sofredores, para convencê-los de que o melhor para eles mesmos seria submeterem-se aos roteiros de assistência que a colônia oferece.

Mas esse sentimento de superioridade acabou no dia em que me deram a incumbência de levar avante a excursão dos beneméritos. Fui incapaz de concentrar-me para a obtenção dos fluidos astrais dos seres que nos assistem das esferas mais adiantadas, porque me preocupei apenas em demonstrar que era tão bom ou melhor que os outros. O egoísmo me derrotou.

Sei que o fracasso era prognosticado pelos mentores, constituindo-se em lição que deveria assimilar e introjetar, definitivamente, no âmago da personalidade.

Ao referir-me, na dissertação precedente, aos elementos *físicos* com que os seres envolvem os amigos e inimigos, como extensão energética irradiada, procedi a ato de irresponsabilidade, porque registrei impressões minhas, particulares, sem qualquer fundamento nas pesquisas dos mentores da instituição, querendo fazer crer em que possuo conhecimentos avançados na área.

O importante é que, de imediato, asseverei que necessitava ser orientado pelos mestres, reconhecendo fráguas as observações, ainda mais porque não se trata de matéria de meu interesse, estagnado que estou nos conceitos jurídicos, a preconizar que me dou melhor no campo dos silogismos do que no da pesquisa científica.

Peço, pois, aos amigos que, se tiverem sentido vontade de estudar o campo para o qual chamei a atenção, que busquem bibliografia adequada dentre as obras mediúnicas, as quais, segundo me informam, se encontram à disposição dos mortais pela gloriosa pena de Francisco Cândido Xavier.

Todo este trecho foi ditado de forma acentuadamente penosa, porque me senti obrigado a dissertar sobre algo que não tem, essencialmente, de ver com a minha pessoa, com os problemas que me têm agitado.

Devo referir-me, de novo, aos dias que passei trabalhando no etéreo, preocupado em executar os serviços de forma perfeita, para transmitir que estou tremendo de emoção, desequilibrado para a confecção de simples página de referência, sem a facilidade dos pensamentos cristalizados, os quais se derramam por folhas e folhas, espargindo sensações, contando casos, anotando referências a fatos e a pessoas, comentando atitudes, censurando, criticando, amesquinhando, denegrindo.

Suspeitei de mim mesmo quanto às reações psíquicas de Fabrício e de Anacleto. Disse estar, talvez, impedido de receber deles o auxílio moral que me devem por consanguinidade, porque estou predisposto a emitir ondas de maldade contra eles, por força de não ter lembranças agradáveis. Mas esse pensamento estava eivado de pertinaz rejeição à recente descoberta quanto a ser eu quem deveria merecer a justa repreensão, por jamais haver realizado nada com satisfação, relativamente aos dois.

É a tábua em que me agarro, naufrago, ou seja, para não me afogar no oceano dos defeitos, desejei ver, na ausência de patrocínios de intervenções por parte dos gêmeos, motivo para me estender neste escrito, preenchendo alguns tópicos sobre outrem, para arrazoar, em seguida, que as pessoas se encontram sob influências as mais diversas, capazes de arrastamentos perniciosos. Dessa forma, poderia concluir que o acidente com os filhos estaria diretamente vinculado aos desaforos de Criseide e que o tiro na cabeça proviera da arma que matou meu pai, ou seja, os desaforos que sofreu da parte de Mercedes.

À vista de tão graves acontecimentos, o fato de não me apegar aos irmãos mais novos seria mera curiosidade sem importância, na reciprocidade que assinala a antipatia. Sabemos que, irmão mais velho cinco anos, deveria tê-los protegido contra os eventos decorrentes da falta do pai. Ao contrário, aproveitei-me da tragédia para pespegar-lhes safanões, a princípio físicos e, depois, morais, culminando com a notícia que fiz questão de lhes passar maliciosamente do suicídio e da existência de outras mulheres. Desejava arruinar a figura paterna mais ou menos heroica ou legendária que conservavam por força das lições espíritas de Mercedes, que pedira aos quatro que rezássemos pela alma do homem transformado em protetor doméstico.

Capítulo especial a ser escrito nestas desconjuntadas memórias é o passamento de mamãe, dois anos depois do fatídico acidente com meus filhos. Para ele, porém, preciso preparar-me psicologicamente ou estarei arriscado a extrair conclusões precipitadas, conspurcando-lhe a memória, por falta de sensibilidade para as ocorrências no campo *neurovegetativo*, por imposição psíquica, o que se conhece como *psicossomatologia*.

Tenho recorrido ao Professor Jeremias para que me faça entender a razão de não estar impregnando-me, *profissionalmente*, com os problemas alheios, desde que me

crecem os sofrimentos pela lembrança pormenorizada da vida e da passagem pelos crematórios conscienciais.

— Meu filho, disse-me ele, se é verdade que só o que você fizer pelos irmãos daqui por diante é que lhe irá propiciar a superação dos males antigos, também não há negar que existem, presentemente, pontos obscuros nos relacionamentos com diversos familiares. Tais obstáculos à normalização dos laços entre os seres demonstram sinistros sentimentos, dentre os quais a inveja, o ciúme, o ódio, a intemperança... Permita-me suspender o rol dos defeitos, porque não desejo constituir-me em libelo acusatório, pois reconheço que você tem realizado esforços consideráveis para a percepção da origem dos maus procedimentos e a melhor maneira de sublimá-los. Ora, como se poderá chegar a resultados verdadeiros, sem o escrutínio rigoroso de cada pequenina sensação de apego ou de desapego?

— Mas, aparteei, teria necessidade de levar aos mortais a descrição de cada faceta do caráter? Realizar os exames, compreendo, executo e aplaudo, quando me encaminho para as soluções. Transmitir nas sessões mediúnicas é que me tem sobrecarregado, especialmente porque exerço sobre a escritura o controle da inteligência, quando meu pensamento se imiscui na realidade, com o descontrole das emoções.

— Paulo, retorquiu-me, afagando-me os cabelos, o seu pedido para voltar ao trabalho de assistência aos sofredores não está sendo atendido pela realização em pauta?

Tive de reconhecer que me arriscava a imergir, tendo à disposição não apenas a boia do serviço benemerente mas o melhor dos salva-vidas. Mas continuo apreensivo com as narrativas subseqüentes.

A MORTE DE MAMÃE

Desde que perdeu papai, Mercedes se pôs à disposição do plano da espiritualidade para possíveis reencontros. Sabia ser grande a dificuldade, à vista da morte provocada por livre-arbítrio, crime maior que arremete o indivíduo em dolorosa senda de sofrimentos.

No início, pensava ela que seria dupla punição ter perdido o marido e não receber dele notícia alguma. Mas tão logo os companheiros do centro espírita se inteiraram do suicídio (não esquecer que ela pretendia fazer passar a informação de que houvera assassinato), puseram-na a par das dificuldades da invocação.

Ao ler as obras de Kardec, entusiasmada principalmente com *O Evangelho*, Mercedes foi tomando-se de cuidados para com os filhos, desejosa de fornecer a nós quatro as diretrizes fundamentais da doutrina. Pegou-me em época de profunda descrença, aos treze anos, cinco após o desenlace de meu pai, rebelde e estúpido, enciumado com o tratamento dispensado aos outros três.

Não deveria mas vou levantar, porque era assim que me sentia então, a suspeita de que a frequência à instituição de socorro fraterno teria tido influência desastrosa em meu ânimo, porque me sentia abandonado, entregue aos professores do ginásio, contra quem mantinha forte ojeriza, dada a displicência dos ensinamentos para os melhor dotados. Ficavam a repetir, enfadonhamente, os conceitos que não entravam nos bestuntos dos mais atrasados e impediam aos adiantados evoluir no conhecimento da matéria.

Evidentemente, desleixava as lições para me dedicar a leituras variadas, extracurriculares, fazendo o mínimo necessário para as promoções de série. Raciocinava pelo avesso da realidade, ou seja, se indivíduos como eu, disciplinados e respeitadores, inteligentes e cultos, não lograssem aprovação, ninguém mais lograria. Na verdade, havia colegas muito mais atentos às matérias, realizando o máximo de sua capacidade, enquanto eu minimizava, infelizmente, o empenho, pondo os professores na defensiva, pelas respostas que lhes atravessava, na busca da comprovação de que eram medíocres.

Revelo tal aspecto da educação formal, para demonstrar a ausência de minha mãe. Houvesse tido ela a preocupação de avaliar o meu sucesso escolar e teria descoberto que me ensimesmava, cultivando desmedido orgulho, tola vaidade e perverso egoísmo.

Daqui a rejeitar os preceitos teóricos do Espiritismo foi simples passo.

Todo o curso de segundo ciclo dediquei-me às matérias preparatórias do exame de habilitação para a Faculdade de Direito. As ciências naturais e as matemáticas se rejeitaram de per si, conquanto me ufanasse da facilidade com que assimilava os conhecimentos relativos a elas. Mas não me interessavam. Encasquetei a ideia de que seria defensor dos fracos e oprimidos...

Na Universidade, aos dezoito anos, era ateu e farrista, reservado em relação aos colegas, no plano das atividades sociais, temeroso de intimidades, fazendo-me distante dos menos categorizados, competindo com os melhores, sem evidenciar-me superior, calado a maior parte do tempo, só interferindo nos debates quando instado, sempre levantando pontos estranhos aos quesitos, mas citando autores e textos de cor, alguns em latim, para surpreender e atemorizar.

Nunca Mercedes, sequer de longe, quis saber qualquer particularidade dessa participação acadêmica. Quando rejeitei as teses espíritas, como que ergueu tremenda muralha afetiva, como a afirmar, tacitamente, que o tempo seria o mestre de todas as falhas e o normalizador dos distúrbios filosóficos. Com isso, punha a lápide sobre a cabeça do túmulo, tendo a pesada lousa sido depositada desde há muito.

Não sei se traduzi com eficácia as sensações mentais que me mantiveram distanciado de Mercedes durante todos aqueles anos. A verdade é que me constituí em tremenda decepção, quando cheguei com a novidade da expulsão da Ordem e com o impedimento de exercer a advocacia.

Não me disse nada, como se estivesse aguardando exatamente isso. O mais certo é que deveria desconfiar das facilidades com que introduzia os artigos de luxo, móveis, tapeçarias, quadros etc. Havia, também, o retrospecto pouco lisonjeiro das advertências pela falta de compostura de Criseide, o que não admiti, que nos causou estremecimentos e rompimentos, sempre contornados pela assistência que prestava aos netos, de quem cuidava, na ausência da mãe.

Dois meses durou-me a prostração pela perda da condição forense. Não me reergui jamais, contudo a conferência com o *pistolão* do emprego público me abriu perspectivas novas, posteriormente não confirmadas, tendo em vista a ilusão de que prestaria assistência jurídica de primeira grandeza a departamento específico ligado à Corregedoria do Palácio do Governo.

Como é que, tendo sido escorraçado da profissão, fui admitido em função correlata? Simplesmente porque os espíritas sempre estão propiciando aos que caem uma segunda, terceira, *n* oportunidades de recuperação.

Por essa época, Mercedes foi ao médico. Câncer no útero, sem mais nem menos. A operação extirpou-lhe todo o material contaminado, porém, ficou-lhe aquela impressão terrível dos procedimentos pós-operatórios, quimioterápicos, cuja recordação me põe saudosos da época em que éramos crianças, Mercedes enfrentando a vida sozinha, denodada, positiva, masculinizada, se assim posso dizer, pela absorção dos padrões dos homens, no trato dos negócios.

Criseide era o oposto. Feminina, meiga, carinhosa. Deu-me o que me fora negado pela *megeira*, que outro não era o adjetivo que utilizávamos ela e eu, para caracterizar quem queria se interpor entre nós.

Quando mamãe morreu de derrame cerebral, fazia tempo que Criseide tinha partido, confirmando, de certo modo, o que Mercedes previra e me dissera, com mansidão, no medo de me ofender, pelas minhas turbulentas manifestações de desagrado. O que me tornava particularmente furioso era o ciclo dos conselhos, os quais atribuía à influência deletéria dos parceiros de centro espírita, que julgava igrejeiros, ainda mais que os padres e pastores, frustrados das outras religiões, necessitados de conchavos e conluios, que era como via o movimento espírita, pela impressão de que tudo se fazia na calada da noite, na escuridão dos ambientes em que diziam conversar com as almas do outro mundo.

Posso dizer que, quando mamãe morreu, não senti emoção alguma. Transformara-se em ódio o amor doentio da infância e o desprezo da adolescência. O fato de ser enterrada não me causou nenhuma alteração de ânimo, como se fora a consequência natural do ato de viver. Nisto até que estava certo. O em que errei foi não ter percebido que perdia o único apoio moral que me mantinha alerta contra a desfaçatez das atitudes, conquanto rejeitasse os elementos cármicos como necessários para o progresso do homem.

Fazendo o balanço das noções que Mercedes me passou condizentes com o aprendizado neste educandário, posso afirmar, sem medo de exagero, que foi bem mais de dez por cento do que hoje sei, embora com a dificuldade insuperável da descrença. Mas sou obrigado a reconhecer que, apesar de não ter-me impregnado desses conhecimentos, ainda assim me valeram no Umbral, para a efetivação teórica das suspeitas que ia levantando.

Busquei, neste relato, driblar o medo de cair na turbulência sentimental que me teria arremessado de rojo nas trevas, conforme a declaração do dia de ontem, todavia, não disfarcei o que de negativo havia na mente e no coração, em relação a Mercedes. Tenho para comigo que esse procedimento esfriou a narrativa, não dando o tônus dramático das descobertas psíquicas a que procedi durante o período de agudo sofrimento. A lembrança mais recente dessa entidade ímpar nos meus relacionamentos como que apagou os velhos dissabores morais. Sinto-me compreendido e perdoado, mas não me estimo compreendendo e perdoando.

Enfim, saio deste capítulo bastante mais tranquilo, como se me tivesse livrado de tremenda carga emocional. O mais serão questiúnculas a serem decifradas, até o momento das explicações providas das antigas crises, porque não presumo felizes os encontros de outras vidas.

Geraldo e Francisco estão distantes. Meu pai nunca se aproximou. Anacleto e Fabrício espicaçaram-me a paciência. Carla se encastelava em longos períodos de demência artística e nunca me tratou...

Sinto-me afetivamente desamparado. Será que não há amor para mim?

VISITA ESPERADA

Neste final de semana, avistei-me com mamãe e com meus filhos.

Quero registrar que se apresentaram com as roupagens carnisais da última jornada, para o efeito dos estremeções afetivos. Eu os recebi sem aviso, de forma que minha indumentária perispirítica não se adequava muito bem às impressões de filho e de pai.

Creio que Mercedes deve ter-me achado mais velho uns nove ou dez anos além da idade do momento de sua morte. As crianças não demonstraram surpresa e me trataram com muito carinho.

Ajoelhei-me perante as três entidades, necessitado de pedir-lhes desculpas por atos e pensamentos.

Os meninos não compreenderam por que lhes pedia perdão.

— Fui eu quem arremessei o carro contra o muro e lhes tirei a vida!...

Não deram maior importância ao fato. Francisco chegou a dizer:

— Papai, sinto muito que tenha sido assim, mas acho que iríamos esbarrar com algo parecido, tanto estamos usufruindo a vida deste lado, aprendendo e trabalhando...

— Mas vocês são tão pequenos...

Esquecia-me, pela forte emoção, de que são espíritos adiantados e que só se apresentavam no formato característico para minha percepção de suas personalidades. Entretanto, não esmiuçaram os temas dos estudos nem a natureza dos trabalhos.

— De qualquer jeito, quero que me perdoem por todo o mal que lhes causei.

— Quanto a mim — era Geraldo a se manifestar —, não tenho nada além do que agradecer ao desvelo do paizinho, não só por ter cuidado de nós mas também por nos ter dado a chance da vida. A morte é acidente da jornada, imprescindível para a recuperação do verdadeiro estado do ser, qual seja, o de espírito.

Na hora admirei a facilidade da exposição e a profundidade das considerações. Contudo, dei de barato que estavam inibindo a capacidade (os espíritas diriam que ofuscavam a luminosidade) e que se esforçavam por me deixar à vontade.

Francisco, simplesmente, apoiou as palavras do irmão e me abraçou, infundindo-me vibrações de muito amor e respeito. Pelo menos foi assim que senti o estremecimento interior que me chegou à percepção intelectual. Quanto aos fatores emocionais, após a saída deles, vi-me emaranhado em confusas tendências de aceitação e de suspeita, como

se eu mesmo tivesse sido muito canhestro em transmitir a vontade de requerer-lhes a benquerença.

Não foi assim que terminei a descrição psicológica do capítulo anterior? Pois tenho a certeza de que os mestres da *Escolinha*, em benéfico conluio com os protetores familiares, quiseram mostrar-me a misericórdia divina, trazendo-me os seres mais chegados, afetuosos, delicados, meigos...

Tento redigir com isenção de sentimentalismo, dado que muito chorei nestes dois dias. Por incrível possa parecer, somente hoje de manhã é que despertei para a necessidade de vir participar aos encarnados os acontecimentos que tão profundamente me atingiram.

Por isso, devo resguardar-me quanto às impressões de Mercedes sobre a mente e sobre o coração. Mamãe estava simplesmente linda, no apogeu da formosura material, como eu mesmo não a havia conhecido senão por fotografias. Tentei em vão recordar-me de sua fisionomia à época em que me deu à luz, que era como melhor poderia cotejar com o retrato atual.

Mas essa composição física apenas me atrapalhou as considerações morais a que deveria dedicar-me, para conhecimento mais exato de como estava saindo-me na absorção dos valores éticos emanados desse relacionamento esdrúxulo, assoberbado por extremos de posse e exclusivismo.

Mercedes não foi fria mas deve ter sentido certa repulsa da minha parte, porque lhe pedia perdão sem o referendo das vibrações íntimas. Compreendia eu que necessitava extirpar do coração as dolorosas ondas de...

Não quero nem vou estender-me sobre os sentimentos ruins. Baste aos leitores saberem que eu mesmo me senti esquisito, ajoelhado sem contrição, falando palavras que não repercutiam, julgando que deveria ser honesto sendo hipócrita, temeroso de dizer e deixando passar todas as informações, querendo e não querendo pôr tudo em pratos limpos.

Talvez tenha sido essa a verdadeira razão de ter ficado quase prostrado depois da visita. Descobria o que já suspeitava, ou seja, que a falta do amor dos demais para comigo não existia. Eu é que me inquietava com as imperfeições atribuídas aos seres, imperfeição que estendia aos sentimentos de amor, de simpatia ou de simples comisseração.

Quando a pessoa é inferior (não há como apostrofar-me a conclusão, uma vez que, nestes planos, a superioridade é sempre relativa, sendo o absoluto prerrogativa que atribuímos ao Pai), não se pode desejar que tenha sentimentos perfeitos. E eu, imerso nesses raciocínios predominantes para a minha estrutura mental, não pude desgarrar-me para o abraço sentido, para a lágrima de felicidade.

Se de nada valeu a presença de mamãe, que saiba eu tirar proveito das considerações que realizei sobre as minhas reações. Daqui estar preparando o texto das podridões atuais, conquanto venha sendo impedido pelos mentores e até pelos colegas de grupo, os mais chegados, que se importam comigo e com os humanos, devido ao fato de que não posso acachapar-me vícios e defeitos maiores dos que verdadeiramente se me infiltraram na psique.

Quando encarnado, cheguei ao máximo das acusações e vilipêndios contra a minha pessoa, tanto que culminei suicida. Agora, querem que evite *estressar-me* (perdoem-me o

neologismo), para o que me oferecem os subsídios das autocríticas arquivadas no setor de documentação da colônia.

Esse passo, se conseguir dar, é grandioso, fundamental para o desenvolvimento que almejo na área das pesquisas psíquicas, oferecendo-me o recurso da apreciação alheia, portanto, sem os rigores tenebrosos das acusações conscienciais. Será sinal de que estarei progredindo.

Devo advertir para a correlação entre *saber* e *fazer* existente no campo dos sentimentos e das formulações intelectuais. Da mesma forma que não consegui ser explícito com Mercedes, temo não estar preparado para executar o programa dos estudos objetivos.

Eis a encruzilhada que me colocam à frente, para que possa resgatar a imagem de criatura de Deus, que perdi em algum lugar das apocalípticas reflexões a respeito da maldade de que fui capaz.

Rezem por mim!

Rogo o favor e, imediatamente, percebo que se distancia o tempo da redação do momento da leitura, posto os companheiros e o médium possam considerar-se convocados. Assim, mantenho a solicitação no presente e requeiro dos que vão chegando que se interessem pelos desprazeres de muitos dos mensageiros, sofredores como eu, realizando por eles as preces que acreditam extemporâneas em relação a mim.

Anoto prazerosamente o tópico anterior, para evidenciar que estou adquirindo a noção da esperança, acreditando-me, em futuro mais ou menos distante, bonançoso, a ponto de prescindir (mais que muitos outros) da boa vontade dos amáveis leitores.

De qualquer modo, rezem sempre por mim!

Deus os abençoe!

CARISMA INSUSPEITO

Existem pessoas que arrastam os companheiros para resoluções felizes ou infelizes, por sugestões não propositais. Dizem que o exemplo é fundamental para o incentivo à ação e tais pessoas, sem saberem, vão praticando ações para as quais é necessário coragem. Como as consequências são positivas, os demais se julgam no mesmo direito, seja o resultado moral, seja imoral.

Estou pensando nos males que me causou papai, porque, na última hora, não vi que poderia estar sendo o elo de terrível corrente, ao podar-me a vida.

Quando lia nos jornais que mais esta ou aquela pessoa havia colocado fim à própria vida, era como se me aliviasse do peso do trespasse de papai, como se os desgraçados pudessem amparar-se mutuamente, contra as acusações que sofreriam.

Na época, não punha muita fé nessas cobranças de pós morte, em todo o caso, para me garantir, achava que o número dos suicidas era tão elevado que se justificaria esse expediente dramático para o coroar dos sofrimentos físicos e psíquicos. *A união faz a força* era o modelo de sabedoria popular que me estimulava para a compreensão e até a simpatia dos que desamparavam os parentes, parceiros e colegas.

Quando criei o estímulo para a crítica dos atos de meu velho, ao ler os recortes, achei que dera ele rasteira nos credores, abandonando o lar definitivamente, embora, em sua ausência, não tivesse como comprovar que Mercedes fora espoliada de todos os haveres, tendo a justiça referendado a ação policial. Tudo transcorreu pelos ditames legais e nós só não ficamos totalmente arruinados porque tínhamos avós para nos garantirem, mal e mal, a sobrevivência e os estudos.

Desde a época do curso colegial, determinei-me a seguir a carreira jurídica, de modo que trabalhar foi o incentivo suplementar de caráter negativo, para a demonstração de que o sacrifício valeria a pena. Colocava os fins para justificarem os meios e não media esforços nem privações.

Os procedimentos acabaram ligando-se no fundo da personalidade para o efeito do enriquecimento, motivo pelo qual não restringi a participação de seres como Criseide, que eu sabia viciada e metida em movimento subversivo, nem dos criminosos apanhados na rede das forças policiais e militares.

No curso da vida, sofri tremendamente a coerção do número, quer dizer, a sociedade como um todo favorecia-me o raciocínio retórico para a diminuição da responsabilidade. Estudei o direito antigo, tendo percebido o quanto de malícia sempre houve na proteção das camadas aristocráticas das sociedades. A Revolução Francesa foi tópico que me balançou as convicções, até o momento em que percebi que se estabilizara de novo a sociedade e o governo, de forma a garantir as posses dos que se assenhorearam do poder, em detrimento dos que perderam a ascendência sobre os magistrados, sobre a força policial, sobre os constituintes, em nome das leis que se derogaram, para que os registros de posse se inutilizassem perante o direito de usucapião. Claro está que a história registra os recursos dos que se sentiram lesados e a devolução de muitas propriedades, tudo de acordo com a abjuração aos princípios do antigo regime a que se obrigaram os impetrantes, recitando a cartilha pelas novas fórmulas, aplaudindo as mudanças e ajudando a dizimar os tolos que não reformularam os padrões de vida.

Perdoem-me o excuro em matéria em que não sou bom. As imprecisões constituem a confirmação de que me valia de pensamentos fugidios para a configuração do arbítrio.

Mas papai foi a pedra de toque do sistema que eu havia criado para a apropriação indébita de bens. Quando me vi desesperado pela morte dos filhos, já sem Mercedes para me dar apoio e sem Criseide para me arrimar, conquanto fosse muito mais causa para a perpetração do suicídio, pensei em me unir a tantos outros que me antecederam na viagem forçada, à qual apenas considerava como com hora marcada ao invés da surpresa dos eventos, como no caso de Geraldo e de Francisco, ou do tremendo sofrimento de ver o organismo deteriorar-se, como Mercedes.

A humanidade deveria ser melhor conduzida pelas forças espirituais. Não quero transformar o mundo, mas a história do sujeito que colocou as abóboras no alto da árvore pode ter fundamento, no sentido de que o pensamento de quem ignora as razões das coisas deveria receber influxo de maior benevolência, abrindo-se os canais do relacionamento entre os planos, para mais eficaz explicação de como funciona, na realidade, o sistema do bem e quais as funestas consequências dos atos impensados, malévolos, prejudiciais, quer em relação ao próximo, quer contra a própria pessoa.

Sei que posso parecer estúpido solicitando algo tão drástico para a contextura fluídica da matéria universal. Entretanto, não foi essa a preocupação do Cristo, quando se incorporou à sociedade humana, trazendo sua sabedoria maior? Não tem sido esse o objetivo de tantos benfeitores, que se utilizam dos médiuns para a elucidação dos tópicos filosóficos em descompasso com os anseios da espiritualidade contígua às esferas imediatamente mais avançadas?

O que quero propor é o rompimento das leis estabelecidas pelo Pai. E não vou assinalar em que sentido ou por que forma. As circunstâncias deverão delimitar-se pela necessidade de mais rapidamente os seres conseguirem progresso no campo dos sentimentos, já que, intelectualmente, é perfeitamente exequível a absorção dos valores evangélicos.

Falo por mim e penso naqueles tantos que desandaram na existência, sem terem a faculdade intelectual vinculada ao desenvolvimento dos sensores intuitivos.

Tal reivindicação é impossível de atendimento? Prego, então, voltando ao ramerrão dos contatos mais simples dos atos mediúnicos tais quais são praticados, para que os leitores não se deixem embair pela maciça presença da sociedade em todos os recônditos da mente e da vontade, pelos usos e costumes de que todos se deixam impregnar, conforme disse acima, segundo insuspeitos carismas dos seres que exemplificam as ações, para que nós, imitando as ideias, aceitemos a injunção do regime político, econômico, religioso, cultural, científico etc., em toda a sua abrangência.

Não gostei de ter sido robotizado. Eis a conclusão que desejaria ver todos aprovando, após a verificação de que a liberdade que pleiteamos é a escravização, afinal, às estruturas que se insinua na personalidade, desde que somos no ventre das mães.

Desculpem-me o discurso protelatório da narração. Discurso eivado de aspirações pueris. Diria melhor *infantis* ou *juvenis*, não fossem os elementos de insensatez próprias do desequilíbrio do adulto que desperta para as falácias incrustadas na mente, as quais, até há pouco, considerava o apanágio da integridade humana e da superioridade espiritual.

Vou ficando por aqui, crente de que tenha agitado tema crucial para o entendimento da história e para a responsabilidade da mensagem.

REEQUILÍBRIO

Melhor diria, para caracterizar o capítulo, *necessidade de equilíbrio* ou *de reequilíbrio*.

Quando o indivíduo se posta na matéria, recebe a disciplina desta, com todos os atributos físicos inerentes à melhor condição de sobrevivência. Em geral, desde a formação do feto até o oitavo ou nono mês de vida, se a criança estiver sem amparo orgânico, não sobreviverá às doenças congênitas. Uma vez vencidos os obstáculos iniciais (agora com a ajuda das vacinas), as pessoas tendem ao crescimento, através do desenvolvimento dos elementos genéticos, multiplicando-se-lhes as células, segundo programação estabelecida no âmago da natureza.

Não quero correr riscos também no tópico da cibernética das substâncias vitais, demonstração de mais uma das fragilidades dos conhecimentos positivos. Sendo assim, fique a ideia de que, geralmente, os seres vivos se adaptam à realidade circunjacente, onde estão os seres que lhes deram origem, portanto, mantendo equilíbrio com o meio ambiente. A noção de campo biológico serviria a contento para explicitar o que estou tentando esclarecer.

Dessa forma, quando não somos rejeitados pela sociedade nem exercemos sobre ela ponderável influência no sentido maléfico (caso dos ladrões e assassinos, por exemplo), mantemo-nos estáveis, agindo e reagindo segundo os estímulos que aprendemos a respeitar. É o caso específico dos ajustamentos psicológicos, via de mão dupla em que os seres se predis põem a aturar-se, em benefício de todos.

Caberia lembrar os casos extremos das famílias eivadas de defeitos morais resultantes de estigmas intelectuais, onde as lesões mentais são transmitidas por hereditariedade, sendo, inclusive, o veículo da precária estabilidade delas.

Muito meditei a respeito dos temas genéticos, para caracterizar quais heranças recebi de minha mãe e quais, de meu pai, para a formulação psicofísica da personalidade.

O mais interessante desses estudos informais é que não chegava nunca a resultados demonstráveis por $a + b$, dado que punha as informações obtidas debaixo do microscópio familiar, cotejando o meu universo com os dos gêmeos e de Carla. Se tivesse de determinar, mecanicamente, a minha estrutura como proveniente dos caracteres somados de ambos os progenitores (aqui o termo ganha aspecto de absoluta necessidade, apesar de

não suportá-lo com valores afetivos), deveria assemelhar-me muitíssimo mais aos irmãos, tanto no esquema físico quanto no mental.

Para a fantasia ignominiosa dos primeiros tempos da adolescência, cheguei a conjecturar que Mercedes tivesse mantido relações com outros homens, para não dar aos irmãos o gosto de se constituírem na minha verdadeira estirpe. Monstruosidades de quem está se sentindo traído, frustrado no desejo da exclusividade.

Se me tivesse dedicado aos estudos espíritas, teria sabido, desde logo, que a família terrena pode, perfeitamente, estar vinculando seres com potencialidades diversas, muito frequentemente adversários de outros tempos, no etéreo ou na carne. Daqui a necessidade de se estabelecerem simpatias corpóreas ou o resultado sempre será danoso para o objetivo dos resgates cármicos.

Pelo que pude observar, até mesmo gêmeos idênticos se indispõem entre si, quando deveriam estimar-se pela oportunidade de crescimento em conjunto, na formação do caráter sob os mesmos prismas, para que possam compreender-se nos anseios íntimos de seres espirituais necessitados de firmarem laços de benquerença. Não foi o caso de Anacleto e de Fabrício, que se uniram mentalmente, talvez até sob o influxo do adversário comum, ou seja, eu. Quando os deixei na Terra, eram sócios em todos os negócios (e *negociatas*, conforme pressupunha eu), frequentando-se assiduamente, levando as famílias pelos mesmos trilhos.

Quando o sujeito vai até a velhice, percorrendo todos os itens da escala biológica, deixa o corpo carnal em paz, ou melhor, em equilíbrio orgânico, porque a morte também está impressa no código dos genes.

Não devo afirmar, mas, pelo que tenho visto, essas pessoas mantêm a serenidade mental do ponto de vista do cumprimento dos deveres físicos, nada ficando a dever no campo dos desempenhos vitais. Evidentemente, guardam diferenciações acentuadas quanto aos débitos morais, porque o fato de terem levado até o fim o compromisso carnal não lhes dá o direito a imediato ingresso nas paragens da bem-aventurança.

Quem imaginar que este texto tenha sido motivado pela necessidade de arranjar desculpas para o desatinado gesto do suicídio, errará redondamente. É certo que, para tal gênero de raciocínios, muito tempo dediquei na erraticidade. Contudo, desliguei-me da pretensão de ver, no corte da vida, a contingência moral hereditária, exatamente quando senti a força com que se agarram aos bens materiais justamente aqueles indivíduos que foram aquinhoados com a mesma ascendência, ou seja, meus irmãos.

Saí da carne totalmente desequilibrado, em todos os aspectos, porque, principalmente, era eu mesmo o executor das ordens conscienciais, juiz, promotor, defensor, jurado, a um tempo, no tribunal inquisitório, pela injunção dos estudos jurídicos e pela pretensão de superior espírito de justiça.

Uma das primeiras noções que recordei das informações rejeitadas de Mercedes foi a relativa à preocupação de que deveria permanecer em sofrimento pelo período correspondente ao tempo de vida que desprezei. Sendo assim, iria ficar angustiada nas trevas, perseguido, vilipendiado, maltratado, por cerca de quarenta anos ou mais. Logo me assaltou a cisma de que, se o suicídio se tivesse dado vinte anos antes, seriam acrescentados esses anos ao sofrimento, o que me pareceu sobremodo injusto. Tal foi o raciocínio que trouxe da matéria e que não expus a mamãe, com medo de que o levasse a

conhecimento dos comparsas (*sic*, para o pensamento da época) do centro espírita, os quais iriam chamar-me para integrar os círculos de discussões, o que estava completamente fora de cogitação.

Em todo caso, o sentido da conclusão, ou seja, a perspectiva de me ver injustiçado atitou-me contra os desígnios do Pai, na formulação das perenais leis da existência.

Não me referi, na dissertação anterior, ao fato de ter em mente a reforma da natureza, para a facilitação do entendimento da realidade espiritual pelos encarnados? Pois, agora, defino essa manifestação como tendência psíquica, o que deságua, inequivocamente, no atoleiro dos defeitos, os da vaidade, do orgulho e do egoísmo, a comandarem a caterva dos vícios morais.

A só descoberta desse fio condutor da personalidade irá ser suficiente para a aplicação dos corretivos mentais? Absolutamente não, todavia, sem ela, como é que teria caracterizado o gérmen da doença psíquica?

Eis a proposta que vou conduzir aos companheiros (como já estou considerando-me, tanto coleguismo tenho encontrado nos corações que se afeiçoam a mim). A partir de agora, tenho o que oferecer, concretamente, para que se discutam os procedimentos regeneradores específicos, dado que os gerais todos conhecemos, pela benemerência do Mestre Jesus, que nos indicou os primeiros mandamentos, que não me custa repetir: ***Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.***

A DESGRAÇA NUNCA VEM SOZINHA

O anexim em epígrafe é absolutamente verdadeiro. E sabem por quê? Simplesmente porque as pessoas atraem os episódios ruins pela natureza das personalidades.

Há vários pontos a considerar. Vou ater-me, contudo, a um dos principais, qual seja, o da necessidade que se tem de perlustrar os caminhos da dor, por força da má formação espiritual.

Quando li, aqui no etéreo, as obras de Kardec, não concordei de imediato com a repetida lição de que Deus, que é pai de infinita misericórdia, possibilite aos filhos imperfeitos (e quem não é?) que passem por dissabores, maus pedaços, dramas e tragédias, para que aprendam a se controlar, no sentido de saber que o Senhor apreciará as boas reações, aquelas que se louvam na fé, na esperança e na caridade.

Se o aprendizado é dificultoso, só o fato de o indivíduo encontrar-se encarnado deve ser suficiente indício de que terá o organismo desgastado e, mais cedo ou mais tarde, irá defrontar-se com moléstias, que minarão as resistências físicas, por maior vitalidade energética presente o corpo humano. É da natureza dos seres encarnados e não há que lutar contra esse aspecto inexorável, conforme propus anteriormente.

Por outro lado, os eventos sociais, *intra* e *extramuros*, exigem que as pessoas se desloquem, utilizem ferramentas, exponham-se às intempéries, corram riscos. Dessa forma, obviamente, podem ocorrer acidentes fortuitos, conquanto, o mais das vezes, a origem desses fatos se encontre intimamente relacionada ao humor ou ao matiz mais ou menos violento da criatura.

Não devo estender-me indefinidamente sobre o acaso, porque não acredito nele.

Tempo houve em que achava que as ocorrências todas serviriam para o prejuízo das pessoas, caso se vissem tocadas física ou economicamente. Não foi assim com papai, que terminou falido e suicida? Não foi assim mesmo comigo, quando me vi ao desamparo da afetividade, sem perspectivas de realizar os objetivos maiores a que me consagrara desde que me conheci como gente?

Se me tivesse detido sobre cada acontecimento, não no sentido de me ver ferido, magoado, ultrajado, desprezado, mas com o empenho de descobrir as ligações sutis com as

causas morais impregnadas de vícios e de defeitos, teria, por certo, evitado que as desgraças se repetissem, que se deixassem acompanhar de outras cada vez mais pungentes, num crescendo de atitudes irrefletidas, a provocar lições progressivamente mais contundentes.

Agora que estou sendo assistido por este contingente de confrades, amigos mais ou menos endividados, todos interessados em que compreenda os liames espirituais que desencadearam a tremenda corrente de insucessos existenciais, começo a desvencilhar-me de cada aperto sentimental, temeroso de despencar de novo no abismo das acusações improfícuas e dolorosas.

O roteiro que se estabeleceu para a minha (chamemos assim) *redenção*, passa obrigatoriamente pelas considerações primárias do *acaso* e da *necessidade da dor*.

Tendo impingido ao *ego* a suprema derrota do suicídio, tenho de levar em conta aspectos menos comuns, como o fato de atribuir-me a penosa condição da inferioridade, por reconhecimento de que abusei das condições materiais, em detrimento dos semelhantes. A bem da verdade, até mesmo quando pus término à vida, até nesse supremo ato de loucura, existia embutida a visão do castigo dos seres que a mim se ligavam e que pretendi levar ao desespero, infundindo-lhes o sentimento da culpa por não me terem considerado suficientemente carente de palavras e de atos de afeto e conforto.

O que me parece incontestável é que, parlapatão, não me dei o direito de falar, de me explicar, de me referir aos sentimentos nitidamente adversos aos consanguíneos e afins, com o coração na mão, sempre desejoso, ao contrário, de ver a dubiedade das expressões atingir o objetivo, através da ironia, do sorriso interior de quem se considera melhor, para a perturbação da paz dos demais.

As ações, portanto, forçam as reações, sempre que as pessoas não têm o domínio do conjunto, não sabendo ver a cavaleiro dos problemas, imiscuindo-se nas nuances das vibrações, conforme as provocações.

Devo acrescentar que, atualmente, estou comportando-me de forma sumamente sagaz nesse aspecto, buscando avaliar cada pequenino fato como representante ponderável das intenções subjacentes nas camadas profundas do *ego*.

Dessa forma, pretendo consignar que é possível inverter o ditado epigrafado, ou seja: *nenhum ato de amor caminha desacompanhado*.

Pode parecer pouco para os irmãos espiritistas, acostumados às dissertações maravilhosas transcritas por Allan Kardec. No entanto, para mim, é incontestável vitória admitir que estive errado ao não aceitar que a benemerência do Senhor se encontrava também nos fatos desagradáveis, porque assim os julgava, dando-lhes à aparência o valor intrínseco, quando, muito provavelmente, as pessoas melhor dotadas de sentimentos conseguem ver a necessidade dos indivíduos através do sofrimento.

Para encerrar o tópico, a perspectiva do auxílio, do socorro, da compaixão, da comiseração, do interesse legítimo em aliviar a sobrecarga do irmão atingido pela desgraça.

Aprendi com os companheiros e mestres que não devemos sofrer as mesmas dores dos assistidos, senão que devemos afligir-nos pela incompreensão da passagem estreita para o adentrar na bem-aventurança. Aprendi que devemos concentrar-nos em minimizar os efeitos danosos dos traumas físicos e morais, com o intuito superior de encaminhar para as diretrizes evangélicas como recurso imprescindível para a superação do estágio

evolutivo, o que nos propiciará as condições de assimilarmos os conhecimentos, sem termos de vivenciar todos os sofrimentos.

A minha pretensão se define, neste ponto, no exemplo que ponho à vista dos leitores, porque devo entender que não há necessidade de se ser suicida para o aprendizado do respeito à vida. Incluo, nestas minhas observações, a suspeita de muitos confrades espíritas de que Kardec tenha recebido influxos energéticos de desaprovação consciencial, por ter-se negado a atender às orientações dos guias, quanto à necessidade de descanso e de cuidados acendrados com a saúde.

Não quero penetrar fundo no chamado *suicídio inconsciente*, mesmo porque não desejo colocar *caraminholas* nas mentes dos leitores, mas que fique o registro, senão para esclarecimentos, ao menos para suscitar a reflexão sobre o tema.

Adiantando opiniões mais agudas, posso imaginar que haja quem não aceite a existência de nada *inconsciente*, tendo em vista a possibilidade da meditação individual e da influência dos benfeitores espirituais, como ainda da discussão com os protetores durante o sono, a qual se refletirá nos pensamentos subsequentes pela forma que se tiver combinado.

Não quero que estas considerações promovam corolários de conclusões acidentais, mas que sejam consequentes, no âmbito dos temas obrigatórios para os encarnados, de maneira séria e responsável e não como tratava eu dos assuntos a que denominava de *filosóficos* ou *religiosos*, não lhes dando a importância transcendental para o seguimento da existência em ascensão evolutiva, na senda aberta por Jesus.

TENTO COMPREENDER ESTE TRABALHO

Em diversas oportunidades, desde o começo, tenho feito referências aos objetivos da dissertação, entretanto, suspeito de que não me tenha dado ao trabalho mais profundo de captar a mensagem dos mentores que, através destes escritos, se coloca perante os humanos.

Sei que devo relatar o mais veridicamente (caso não seja possível fazê-lo com absoluta fidedignidade) os acontecimentos mais importantes de minha existência, conjugando-se aí a vida na matéria e fora dela. Ora, bem considerando, não há atrativo algum nos acontecimentos chochos provocados por personalidade inexpressiva, sem nada que se possa considerar superior ou, ao menos, exemplar.

Pelo que me foi dado verificar, obras existem que tratam destes temas com profundidade e seriedade que não alcançaria nem que me dedicasse a eles com afinco, por anos a fio. E, no entanto, eis-me aqui, expendendo juízos de valor ético, como se fora o ser mais perfeito desta área do Universo.

Se Kardec pudesse ser atraído para o comentário eficaz e oportuno, diria que todo este empenho se perde pela impropriedade do mensageiro em elaborar texto de advertência ou de orientação.

Se pensar nos trabalhos passados através deste médium, muitos se encontram melhor categorizados, para o despertar do interesse dos encarnados pelos assuntos da espiritualidade tal qual se pratica no âmbito desta ***Escolinha de Evangelização***, nos limites entre as Trevas e o Umbral, resguardada pelas forças magnéticas da colônia, onde entidades de muitíssimo boa evolução prestam serviços.

Fico pasmo, às vezes, ao encontrar-me com seres humanos ausentes inclusive da necessidade de prestar atenção ao ato de viver, como inerente ao processo criativo provindo do Senhor. Não falo, evidentemente, apenas dos materialistas contumazes, senão que me refiro também a muita gente envolvida com o movimento espírita, para não citar os que atuam junto a outros cultos e religiões.

Por que a referência específica aos próceres do movimento espírita? É claro que para enfatizar o desleixo da busca da realidade espiritual, cuja pesquisa procrastinam, imergindo no desejo absurdo de despertarem após a morte aptos a se integrarem na

colônia *Nosso Lar*, a mais famosa junto aos encarnados pela estupenda obra de divulgação levada a efeito por André Luís, pelas penas de Chico e Waldo.

Pediram-me para indicar essas leituras como parte imperativa do enredo moralista das jornadas sob o comando dos professores da *Escolinha*. Explicaram-me que é o incentivo que falta para o estudo pertinaz justamente dos temas que vi menosprezados.

Aproveitei a deixa da peroração evocativa dos temores de insucesso das transmissões, para levar a cabo o que tenho para apreciar em relação a Mercedes, enquanto filiada ao movimento espírita, após a perda do marido.

Se quiserem minha opinião a respeito dela e de suas preocupações espirituais e sobrenaturais, leiam atentamente a crítica acima. Ela também não se esforçou com muito empenho para a compreensão dos dizeres insertos nas obras do pentateuco kardequiano. Isso já mencionei. O que desejo acrescentar é o fato de que não se sentiu estimulada a suplantar os interesses imediatos do grupo a que se filiou, bastando-lhe a leitura d'*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a qual intentou estabelecer como norma em seu lar, sem a competência que se deveria esperar de quem ouve dizer que há necessidade do espírito científico mas permanece suspirando pelos milagres da mediunidade de efeito.

Serei injusto?

Certamente, mas não me preocupa o fato de passar esse julgamento aos leitores, porque, se não viesse desenvolver este tópico, me veria muitíssimo mal perante mim mesmo, dado que pecaria por omissão, podendo fazer crer que estaria adiantado na caminhada evangélica.

Sendo assim, encareço a necessidade de os encarnados refletirem sobre o tal ponto de vista, desconsiderando o que deixei transparecer de má vontade e até de ciúme, para só avaliarem como é que se dá a pesquisa filosófica neste orbe espiritual, frequentemente impregnada pela postura do estudioso, porque carente de se estabilizar como norma de pensamento e não simplesmente como dados culturais a serem aplicados junto à sociedade mais evoluída.

Já fiz referência a essa imposição dos estudos, qual seja, a de não haver nada simplesmente *escolar*, tomado o termo na acepção portuguesa e não na de *scholar*, da língua inglesa. Faço questão de inserir dados culturais mais complexos, para a exemplificação da necessidade da pesquisa em todos os setores dos conhecimentos, todos arquiváveis e utilizáveis, no momento exato em que se efetuarem os julgamentos para ingresso no patamar superior desta escada sempre ascendente rumo ao Pai.

Teremos tempo para a aquisição de todos os conceitos científicos, filosóficos, morais, evangélicos etc. etc.? Não, evidentemente, no período de uma vida, que deve ser abonada financeiramente o suficiente para o sedentarismo das reflexões de caráter superior.

— *Quer dizer que todos iremos volver ao plano material para a absorção de todas as verdades aqui correntes, inclusive as meramente históricas?*

Gostaria de não estar sendo coagido a responder a semelhante proposição, visto que não me preparei convenientemente para todas as questões pertinentes ao assunto, contudo, devo revelar que, malgrado tenha desperdiçado a ulterior encarnação, ainda que tenha realizado aquisições culturais com intuítos meramente materiais e sociais, me foi

possível transferir aqueles conhecimentos para aplicação atual aos temas que me são propostos pelos mentores.

Kardec fez diversas referências ao fato de que nada se perde dos experimentos carnis. O que é preciso entender é que seremos abençoados pela misericórdia divina, se alcançarmos suplantar as dificuldades sentimentais, emocionais, se conseguirmos reequilibrar a mente, para não termos de volver à Terra perfeitamente instrumentados no campo do intelecto mas defasados no aspecto moral.

É como estou vivenciando as lições que a consciência me solicita para a compreensão de mim mesmo e das estruturas existenciais da criação. Deste ponto de vista, posso concluir que este trabalho deve ser entendido como a demonstração do processo de aprendizagem da contenção dos desejos espúrios, sob o ponto de vista da natureza do espírito, para a absorção das diretrizes evangélicas necessárias à evolução.

Não terá sido exatamente esse o raciocínio dos bons amigos?

Quebrem a cabeça um pouquinho mais antes de responderem, para não serem afoitos e superficiais. É bem assim que estou tentando proceder.

Fiquem com Deus!

MUITO OBRIGADO

Tenho para comigo que, se ficasse a discorrer sobre todos os problemas que vão aflorando-me à inteligência, não terminaria mais a narrativa dos acontecimentos, porque estou afligindo-me sob a pressão de tudo compreender, dentro e fora de mim.

Sinto-me perdoado por Jesus, não porque tenha feito qualquer ato de benemerência superior, mas porque estou captando as vibrações íntimas da paz que se lança sobre a consciência.

Sofrer, sofri de veras e não seria justo comigo mesmo se pretendesse espicaçar mais ainda os fatores que me levaram ao inferno da alma. Devo estabelecer trégua capaz de me afastar dos pensamentos de vingança nos dois sentidos, quais sejam, os que meu coração emite contra os seres que tomei como desafetos e os que, suponho, direcionem contra mim.

Não vou prometer vir para corrigir, um dia, os dizeres que deixei impressos. Representam importante momento evolutivo e devem quedar da maneira pela qual se registraram, imperfeitos, dúbios, próprios para causarem desconfiças de obsessão, energizados negativamente pelas declarações de profundo desrespeito à criação e ao Criador.

Se não servirem para nada, ao menos poderão provocar a revolta de certos setores da seara espírita envolvida com a pregação evangélica de vanguarda, para que possam alhear-se um pouquinho das certezas, introjetando a dúvida razoável de que os espíritos estão propensos a se manifestarem em apoio da mais sadia revolução espiritual, porque a caminhada é ascendente e todos os escolhos da imperfeição devem ser eliminados, mesmo que tal ação nos custe o acinte da acusação íntima.

Digo essas coisas de coração aberto, sem medo de ofender a quem quer que seja, porque a verdade não irá transparecer das minhas páginas, senão que irá resplender do coração iluminado pela sabedoria fruída do evangelho de Jesus e dos escritos vigorosos de Kardec.

De início, refuguei a ideia de que deveria analisar o Movimento Espírita, temeroso de ver-me colocado no índice das publicações não aprovadas pelos dirigentes das editoras, ciosos de pôr sob as vistas dos leitores as obras mais condizentes com o ideário kardeciano. Esse medo advinha do fato de que rejeitava as condições impostas aos autores, de serem

espíritos de luz, impolutos, poetizando sobre a fragilidade do Orbe e sobre as aspirações de melhoria dos mensageiros.

A minha linguagem, apesar de complexa, busquei não fosse erudita, simplesmente representando a conveniência da impregnação do caráter nos textos, facilitando o exame dos mais sábios, porque aptos ao descobrimento dos fatores do desequilíbrio. Ao mesmo tempo, fazia as ponderações arrevesadas, para que eu próprio tivesse ensejo de analisar-me, pelos acontecimentos que ocultava aos leitores mas que me despontavam na mente, imperativos.

Muito agradeço, pois, à paciência de todos os encarnados amigos que não desistiram em meio à jornada. Mais devo agradecer aos que meditarem a respeito dos temas que lhes depositei nas mãos, particularmente se fizerem a transferência dos problemas para o âmbito de suas vidas e personalidades, adequando o sistema de pesquisa da consciência.

Não quero incidir em falta de responsabilidade, apontando o médium como pessoa que me cedeu seu tempo, com propriedade e elegância, para não cair na figura do obsessor que pretende manter o domínio da mente do encarnado, subjugando-o pelos afagos a pretensa superioridade. Na verdade, o nosso amigo, pelo que entendi, sente-se diminuído perante os trabalhos dos companheiros de mesa, esforçando-se ao máximo para corresponder, orando com fervor, para que os protetores o esclareçam a cada momento, para não desarrazoar em nome do manifestante. Valerão estas palavras muito mais se vierem a ser conhecidas das pessoas, porque é sempre muito bom divulgar que a modéstia do receptor dos fluidos é que lhe propiciará as melhores oportunidades de aperfeiçoamento no campo da moralidade, tendo em vista ser o primeiro a receber o influxo das mensagens, dentro do universo sensório posto à disposição da espiritualidade.

Muito obrigado aos colegas e mentores. A estes abraçarei efusivamente, podem estar certos. Nenhuma expressão que viesse a registrar seria assaz viva para descrever a minha alegria, o meu reconhecimento pelo trabalho de assistência que levam a cabo em meu benefício.

Deixo o trabalho da escrita, tendo em mãos o roteiro de serviços e de estudos dos próximos meses (talvez anos). Gostaria de definir-lhe as regras gerais, para dar espécie de fecho narrativo às memórias.

Tenho de assimilar os conhecimentos de uma dúzia de compêndios de moralidade cristã, em cotejo com outros provenientes de religiões fundamentadas nos ensinamentos de outros mestres. A relação das obras estranhas inclui a sabedoria hindu, a chinesa, a japonesa e de diversos cultos ameríndios e africanos. Objetivo? Naturalmente, conceber de que forma os espíritos de luz se dedicam a orientar as pessoas no mundo todo.

Tenho de conversar, uma vez por semana, com Mercedes, Francisco e Geraldo, se estiverem liberados das tarefas em que se empenham, uma vez que não consta da orientação que receberam a obrigatoriedade de me atenderem. Essa liberdade, provavelmente, decorre do fato de não se sentirem necessitados de nenhum conhecimento que lhes possa oferecer. Vão, portanto, realizar tarefa piedosa, na linha caritativa dos que desejam amealhar bônus, para a conquista de acréscimos de misericórdia do Senhor.

Tenho de ir em busca de Pedro, meu pai, compondo-me com o grupo socorrista que excursiona pelas Trevas. Essa é missão das mais penosas, porque não estou preparado para ser isento de emoções. Não encareço como será esse treinamento, uma vez que desconheço as matérias do curso que deverei frequentar. Sei que se prolongará por mais de seis meses, devendo submeter-me a inúmeros exercícios e testes, até adquirir a condição mínima necessária para não me constituir em peso morto para os companheiros. Se me levassem hoje, transformar-me-ia em assistido, dentro mesmo das muralhas da colônia. Leiam a pequena obra do amigo Roberto, *O Aprendiz do Evangelho*, para se informarem a respeito do que me espera.

Quanto a Criseide, ficará sob o manto de proteção do grupo de assistência comandado pelo anjo guardião, conforme projeto antigo em andamento. Pedi para integrar essa equipe mas não fui atendido. Criseide, segundo Jeremias, vai prosseguir misteriosa para mim, até que se digne restabelecer os vínculos de afeição que nos uniram um dia. Sinto-me estranho ao círculo das amizades dela, como se a nossa aproximação tivesse sido produto do acaso, ou melhor, tivesse sido acordada apenas para o período da procriação, no intuito de oferecer às duas entidades a oportunidade de encarnação; oportunidade que se estenderia ao casal de gerar, nutrir e criar duas pessoas, talvez por débitos causados por anteriores fracassos. Deus, no momento certo, virá em socorro de todos nós.

Não estou em condições de dar qualquer tipo de atendimento a Fabrício e a Anacleto. Carla não tem necessidade de nada, entretanto, está mais ou menos certo que, no próximo mês, nos encontremos. Preciso preveni-la quanto a estas reflexões, que, provavelmente, terá ensejo de ler, reconhecendo nelas a personalidade do irmão. A finalidade é de confirmar os ensinamentos de Mercedes, não inteiramente aceitos, conquanto lhe fermentem ideias de pesquisas espíritas.

Fiquem na paz do Senhor!

MENSAGEM COMPLEMENTAR

Não ficamos satisfeitos, nós do *Grupo das Azaleias Multicoloridas*, com as transmissões do irmãozinho Paulo.

Julgávamos que iríamos ocupar muito mais espaço com análises percucientes, de modo a propiciar aos encarnados numerosas apreciações dos fatos sociais relativos à história recente do país.

Jeremias discutiu conosco esse aspecto das decepções, obrigando-nos a aceitar, por força de sólida e irretorquível argumentação, que pretendíamos induzir o mensageiro a realizar obra que estava em nossos planos e não nos dele.

A única desculpa que tivemos para pálida refutação foi o fato de havermos esgotado os recursos de exame da realidade material das personagens, em companhia do autor. No entanto, quando se punha na qualidade de mensageiro diante do médium, buscava justificar os atos e os pensamentos, despreocupado com a ingerência nos temas que poderiam constituir-se em pontos de interesse dos encarnados, notadamente dos que não se dedicam aos estudos espíritas.

A pergunta era a seguinte:

— *Se as pessoas de crença espírita receberem críticas de seres que, sabidamente, são muito imperfeitos, não se abalarão para outras obras, deixando de absorver o que desejamos demonstrar-lhes?*

Assim, queríamos levar todos os leitores a ponderações impregnadas de fatores culturais do presente, aplicando as noções sociológicas de caráter científico de Kardec, no pressuposto de que a Doutrina deveria receber incrementos valiosos para o crescimento, em função da complexidade da vida moderna. Parecia-nos que, no tempo da Terceira Revelação, o mundo se estruturava segundo valores que se perderam. Foi Kardec, apoiado em seus mentores espirituais, quem insistiu no aspecto evolutivo da ciência espírita, prognosticando, para o século XX, que o Espiritismo se transformaria também em religião, o que, salvo melhor juízo, não está ocorrendo senão nas mentes das pessoas e não como instituição. Inclusive, para muitos chefes setoriais, se assim se podem considerar os presidentes de centros espíritas e os diretores de diversas federações, qualquer tentativa de estabelecer alguma espécie de culto é vista com desagrado e rejeitada *in limine*, ficando os que tentaram a implantação com a pecha de *umbandistas*, para apenas mencionar o melhor.

Em suma, não viemos para perturbar os fiéis discípulos da Doutrina, a não ser quando e se estiverem interessados na aplicação do desenvolvimento científico aos temas espíritas.

Hão de perguntar os amigos como é que um ser tão despreparado para essa discussão de caráter positivo, advogado fracassado, que se confessou desligado justamente das aludidas matérias, como a Física, a Química, a Astronomia, as Matemáticas, iria dar empurrão nesse sentido.

Justamente, queríamos deixar claro que a humanidade não está voltada para o mesmo objetivo de Kardec e que era preciso que os expoentes do Movimento Espírita observassem que são poucos os ramos das Ciências que se adaptam, para reparar as falhas teóricas dos conhecimentos do tempo do Codificador, para tornar mais precisas as conclusões a que ele, com cabedal menos aperfeiçoado, chegou.

Não era para se esperar que nos sentíssemos frustrados?

Esperamos captar vibrações de amigos interessados em suprir as deficiências apontadas, para auxiliá-los na elaboração de trabalhos de caráter científico, modestamente, como incentivadores e não como inspiradores. Não foi bem assim que Kardec procedeu aos estudos que consignou nas obras, notadamente em **A Gênese**, a partir das mensagens do *Espírito Galileu*, pela pena mediúnica de Camille Flammarion?

De qualquer modo, o empreendimento haverá de ser de grande fôlego, para o que incitamos que os ínclitos se reúnam, programando o desenvolvimento de cada tópico, encontrando especialistas capacitados pelas diretrizes metodológicas do saber, em função das leis do amor, da solidariedade, do humanitarismo cristão.

Para que não se suponha que estamos indo muito além das atribuições que nos são delegadas pelos professores, imaginem-se aqui conosco a observar a humanidade sofredora perdendo oportunidades valiosas de soerguimento espiritual, ao passo que nós recebemos total assistência, para cumprirmos os pontos obrigatórios de curso que não se limita à ampliação dos conhecimentos mas que deve afetar o próprio procedimento.

Enfim, corremos o risco de não sermos bem compreendidos, o que não nos tem perturbado, tendo em vista o fato de que não seremos atingidos em nossa integridade, embora possamos pôr a perder as mensagens dos amigos que nos antecederam, pela discriminação que os encarnados possam fazer quanto aos que ocupam lugar junto a esta mesa.

Não há contradita: Kardec precisa ser aperfeiçoado (não negado ou renegado), pelo menos no sentido da atualização dos conhecimentos, para que não acusem o Espiritismo de retrógrado, o que contrariaria o próprio pensamento kardequiano.

Quem pretenda, porém, que realizemos o serviço pelos humanos engana-se, pois essa não é a característica psíquica que desenvolvemos, como se comprovou através do amigo Paulo. Estamos apenas aflagindo-nos com a degradingolada possível da humanidade, tanto que nos atrevemos a vir trazer mensagens para auxiliar na análise dos fatos sociais e de suas repercussões para a evolução mental e moral de todos os habitantes do Planeta.

Que Deus nos proteja a todos!

Indaiatuba, de 13.06 a 25.07.95.